

álvaro cunhal
retrato pessoal e íntimo
adelino cunha

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

ÍNDICE

Breve nota à reedição	9
INTRODUÇÃO — O homem e o mito	11
I PARTE — AS ORIGENS BURGUESAS	
I CAPÍTULO — A genética comunista	21
II CAPÍTULO — O exemplo inspirador do pai	38
III CAPÍTULO — A força e a austeridade da mãe	44
IV CAPÍTULO — A juventude de Álvaro Cunhal	57
II PARTE — O JOVEM REVOLUCIONÁRIO	
I CAPÍTULO — A iniciação revolucionária	75
II CAPÍTULO — A separação da família	92
III CAPÍTULO — A prisão e a tortura	111
IV CAPÍTULO — O cerco emocional	135
V CAPÍTULO — A ascensão ao poder	167
VI CAPÍTULO — O comunismo ibérico	190
VII CAPÍTULO — O terror das torturas	199
VIII CAPÍTULO — Regresso a Moscovo	207
IX CAPÍTULO — A queda da casa do Luso	230
III PARTE — O HOMEM NA CLANDESTINIDADE	
I CAPÍTULO — O julgamento	243
II CAPÍTULO — A prisão perpétua	255
III CAPÍTULO — As clandestinas	271
IV CAPÍTULO — O Forte de Peniche	306
V CAPÍTULO — Negociações secretas	318
VI CAPÍTULO — O que fazer?	328
IV PARTE — O LÍDER IMPLACÁVEL	
I CAPÍTULO — Fuga para a vitória	337
II CAPÍTULO — As paixões	353

III CAPÍTULO — O braço armado do PCP	370
IV CAPÍTULO — A última máscara	383

V PARTE — O EXÍLIO

I CAPÍTULO — A pátria do socialismo	389
II CAPÍTULO — A vida na União Soviética	406
III CAPÍTULO — O caminho da revolução	429
IV CAPÍTULO — O exílio em França	445
V CAPÍTULO — A agente dupla do PCP	466
VI CAPÍTULO — O povo e as armas	478

VI PARTE — DEMOCRACIA

I CAPÍTULO — Portugal incandescente	489
II CAPÍTULO — A intimidade em família	507
III CAPÍTULO — Os dias da brasa	531
IV CAPÍTULO — A revolução portuguesa	548
V CAPÍTULO — O princípio do fim	562
VI CAPÍTULO — A viragem	575
VII CAPÍTULO — O fim	604

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Bibliografia	615
Artigos	621
Obras de Álvaro Cunhal	622
Obras de Manuel Tiago [Álvaro Cunhal]	622
Fontes orais	623
Arquivos	623
Fontes impressas	623
Fontes manuscritas	624
Imprensa	625
Agradecimentos.....	626
Agradecimentos especiais.....	626
Homenagem	626
Índice remissivo	627

BREVE NOTA À REEDIÇÃO

A presente obra foi publicada pela primeira vez em Novembro de 2010.

O interesse que continua a suscitar junto dos leitores ao longo destes quase dez anos justifica agora a sua reedição, revista e aumentada, mas tendo em linha de conta dois aspectos metodológicos fundamentais.

Primeiro: procedeu-se à actualização das notas de rodapé com as correspondentes referências bibliográficas. Trata-se de uma clarificação que se impunha e que permite verificar muitas das afirmações que são feitas e das interrogações que se deixam em aberto.

Segundo: procurou-se que a revisão parcial de alguns capítulos tivesse em consideração as novas investigações entretanto desenvolvidas, nomeadamente *Os Filhos da Clandestinidade — A história da desagregação das famílias comunistas no exílio* (2016) e *Júlio de Melo Fogaça* (2018). Isto permitiu, nuns casos, corrigir aspectos pontuais da narrativa e, noutros, desenvolver as abordagens iniciais.

Mesmo nos casos em que são consideradas novas fontes, ainda que de valor essencialmente circunstancial, por exemplo, relatos indirectos sobre dinâmicas secundárias, a reedição que resulta destas opções preserva as interpretações da 1.^a edição, aliás, consideradas em obras posteriores, por exemplo, do historiador José Pacheco Pereira¹ (2015), do jornalista Joaquim Vieira (2013)² e do investigador José Neves³ (2013).

Dito isto, importa reafirmar que se mantêm muitas das interrogações da 1.^a edição e que, portanto, continuam muitos outros caminhos por percorrer nesta área dos estudos sobre o comunismo português.

¹ José Pacheco, *Álvaro Cunhal — O secretário-geral* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015).

² Joaquim Vieira, *Álvaro Cunhal — O homem e o mito* (Carnaxide: Objectiva, 2013).

³ *Álvaro Cunhal — Política, História e Estética*, José Neves (coord.) (Lisboa: Tinta da China, 2013).



Carlos Carvalhas e António Vitorino na apresentação da 1.ª edição desta obra,
a 22 de Novembro de 2010, no Centro de Estudos Judiciários, Limoeiro.
(José Carlos Pratas)

INTRODUÇÃO

O HOMEM E O MITO

Álvaro Barreirinhas Cunhal nasceu no dia 10 de Novembro de 1913 na Maternidade Daniel de Matos, em Coimbra, filho de Avelino Henriques da Costa Cunhal (1887-1966) e de Mercedes Simões Ferreira Barreirinhas (1888-1971). Morreu em Lisboa no dia 13 de Junho de 2005 com 92 anos.

Foi uma das maiores figuras políticas e intelectuais do século xx português e do próprio movimento comunista internacional, mas recusou escrever uma autobiografia que ajudasse a compreender essa parte significativa da memória colectiva dos Portugueses.

«Um livro de memórias é, em geral, uma coisa tão aborrecida; é um dicionário de factos que uma pessoa coleciona», repetiu ao longo de décadas.⁴

Álvaro Cunhal aprendeu a controlar instintivamente os mecanismos de comunicação com as massas e aperfeiçoou o seu domínio ao longo dos anos.

As entrevistas foram doseadas de forma austera, tendo em consideração a sua longevidade e relevância política, e as declarações públicas surgiram quase sempre espartilhadas para revelar somente o pretendido.

O homem confundiu-se demasiadas vezes com o mito nesta névoa.

O próprio PCP aceitou o mistério biográfico em nome da aversão de Álvaro Cunhal ao «culto da personalidade» e sintetizou a vida do expoente máximo do comunismo português numa árida nota biográfica.⁵

Álvaro Cunhal chegou a recusar que a sua fotografia fosse utilizada nas campanhas eleitorais do PCP em nome das virtudes do colectivo sobre as individualidades.

O ideal comunista estava acima dos homens porque os homens podem falhar.

A História escreveu-se de outra maneira porque o PCP foi durante décadas o próprio Álvaro Cunhal, mas Álvaro Cunhal era muito mais do que apenas o PCP.

A glória não está apenas na personalidade, mas no modelo de imortalidade.

Os caminhos parecem por isso conduzir para a um semideserto identitário.

«Interrogam-me muitas vezes sobre a minha vida. Gostaria de dizer

⁴ Luís Machado, Mário Contumélias, *Conversas à Quinta-Feira* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1991).

⁵ «Faleceu Álvaro Cunhal», Nota do Secretariado do Comité Central do PCP, *Avante!*, n.º 1646, 17 de Junho de 2005.

o seguinte: a minha vida é inseparável da vida de todos os comunistas de Portugal», afirmou em 1962, ao jornal *Pravda*, quando a sua liderança se tornara inequívoca.

Existe um texto de carácter biográfico escrito por Júlio Fogaça em 1954 para responder às regras de funcionário impostas pelo movimento comunista internacional para controlo dos Quadros. Soma-se uma nota sintética actualizada após o seu regresso de Moscovo em 1974 para ser distribuída aos jornalistas portugueses por necessidades operacionais. Por último, está publicada uma narrativa de carácter panfletário que se tentou tornar asséptica através da publicação na União Soviética.

É neste texto empenhado que se encontram alguns indícios da imagem que Álvaro Cunhal aceitava projectar de si próprio, na medida em que se assumiu como fonte directa da autora.

Trata-se de um insuficiente exercício biográfico escrito por Yulia Leonidovna Petrova, neta do então líder dos comunistas russos, Nikita Khrushchev, tendo por base algumas conversas soltas com o próprio biografado.

Hastes sem Bandeiras teve a sua primeira publicação em 1963 na editora Pravda, mas o PCP adiou a sua reedição em Portugal e remeteu o original para a obscuridade.

A tradução de Francisco Ferreira, o celebrizado *Chico da CUF*, importante dissidente comunista e adversário militante de Cunhal, tornou-se na fonte secundária mais utilizada para aceder ao texto original.⁶

O exercício traduz um esforço para «desmistificar» alguns factos do percurso de Álvaro Cunhal e, acima de tudo, pretende constituir-se como acusação contra o «herói soviético». O antigo dirigente comunista tenta desmontar a imagem de Cunhal enquanto *produto de marketing* da velha escola soviética especializada em construir e desconstruir os líderes comunistas internacionais.

É verdade que Álvaro Cunhal se apresentou durante um importante período da história da União Soviética como um modelo de dirigente comunista e atingiu um elevado nível de reconhecimento entre os seus correligionários internacionais.

Beneficiou de um estatuto que durou largos anos e que lhe permitiu viver com tranquilidade em Moscovo e em França com o apoio directo do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e circular por todos os países socialistas com considerável liberdade de movimentos.

⁶ Francisco Ferreira (*Chico da CUF*), *Álvaro Cunhal — Herói Soviético* (Edição de Autor: 1976).

A classe dirigente reconhecia-lhe mérito político, empenho pessoal e, acima de tudo, a necessária disciplina revolucionária.

Álvaro Cunhal prescindiu de uma parte da sua vida e dos afectos para se dedicar a uma causa de inspiração transcendente que exigiu submeter-se a intensos sacrifícios físicos e psicológicos.

O seu percurso tornou-se numa *teologia da revolução*.

A convicção férrea e a dinâmica emocional controlada permitiram-lhe suportar as privações com a mesma determinação com que penalizou os que abriram brechas na couraça revolucionária. Também revelou uma profunda intolerância e desprezo para com os dissidentes intelectuais e criticou duramente os que cederam às torturas físicas por comprometerem a segurança colectiva e a moral revolucionária.

A disciplina e a fidelidade tornaram-se dogmas de comportamento.

Álvaro Cunhal lutou pelas virtudes do comunismo em sintonia com as orientações do movimento comunista internacional, mas as suas convicções e o seu comportamento foram muito além da conjuntura dos líderes que foram passando pela Praça Vermelha.

O projecto de sociedade global e de «homem novo» defendido ao longo de décadas resistiu a várias tentativas externas de destruição do PCP e dos seus dirigentes e exigiu a depuração de resistências internas que se manifestaram em vários casos com contornos de violência psicológica e física.

Cunhal raramente hesitou quando teve de decidir sozinho ou apoiar decisões exemplares de terceiros na defesa deste quadro mental de disciplina colectiva. A hesitação e a dúvida não tinham lugar.

Algumas das circunstâncias em que ocorreram essas «correções» continuam difíceis de confirmar pelo «pacto de silêncio» tácito que envolve os intervenientes directos ou por serem de muito difícil reconstituição por ausência de fontes credíveis.

A fronteira entre os ajustes de contas executados no PCP e a conivência das autoridades policiais e judiciais do Estado Novo impossibilita a verificação de alguns factos políticos que foram tratados como crimes vulgares.

A *teologia da revolução* e a determinação de Álvaro Cunhal estiveram sempre acima da vontade dos homens comuns.

Quem foi este homem?

«Tão magro, de magreza impressionante, chupado, a face fina e severa, as mãos nervosas, dessas mãos que falam, mal penteado o cabelo, um homem jovem mas fisicamente sofrido, homem de noites mal dormidas, de pouso incerto, de responsabilidades imensas e de trabalho infatigável, eu o vejo, sentado ao outro lado da mesa, diante de mim, falando com a sua voz

um pouco rouca, os olhos ardentes no fundo de um longo e sempre vencido cansaço, e o vejo agora, como há cinco anos passados, sua impressionante e inesquecível imagem: Álvaro Cunhal, conhecido por Duarte, o revolucionário português.»⁷

Este retrato delicado de Jorge Amado aproxima-se de uma certa imagem de revolucionário romântico que o próprio Cunhal gostava de projectar de si próprio.

A austeridade física cavada pela dureza da vida clandestina e o perfil psicológico determinado e sacralizado de um revolucionário *sabedor* antecipado do caminho da História.

É no romance *Até Amanhã, Camaradas* que Álvaro Cunhal idealiza de forma mais impressiva nas duas principais personagens masculinas alguns traços de carácter que podem ser identificados em si próprio e em alguns dirigentes do PCP.⁸

«Ramos» tem a «franqueza» e o «à-vontade» que quase tocam a insolência, «senão fora a segurança em si mesmo». É capaz de ser extremamente duro e exigente nas relações políticas com os outros, mas revela sentimentos de ternura e compaixão em circunstâncias de maior intimidade.

«Vaz» tem um «rosto severo e impassível» e destaca-se pelo comportamento ríspido e austero. É um funcionário partidário típico, que percorre o País de reunião em reunião e na preparação da luta política, indo além dos seus próprios limites físicos, alimentado por uma causa que o ultrapassa.

Quase tudo em Álvaro Cunhal parece desembocar num certo *mistério biográfico*.

As omissões e adulterações factuais são subtis, e demasiadas vezes imperceptíveis no processo de construção exterior de um mito. A projecção modelar da sua vida pública e privada remete para a pureza dos santos e dos mártires.

Um herói revolucionário portador de uma energia indefectível.

Eugénia Cunhal lamenta que retratem o irmão como uma pessoa severa no trato pessoal. Considerava-o um homem cheio de ternura e que sabia mostrá-la fazendo uma festa ou dando um beijo.

«Sabendo dizer coisas do tipo “maninha, como estás?”»⁹

Uma faceta que mostrava com frequência à família e aos amigos.

«Era um homem afectuoso por natureza.»

⁷ Jorge Amado, «Essa vida preciosa — Salvemo-la», *Contribuições à luta pela libertação de Álvaro Cunhal* (Lisboa: Editorial Avante, 1954).

⁸ Manuel Tiago [Álvaro Cunhal], *Até Amanhã, Camaradas* (Lisboa: Edições Avante!, 2005).

⁹ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

Jorge Amado acrescenta no seu retrato os «olhos fundos e cansados, a magreza impressionante, o físico combalido pela dura ilegalidade, a fadiga de anos acumulada no corpo e as mãos ossudas, mas sempre a capacidade de ter um sorriso terno».

Todo o esplendor que emana de Álvaro Cunhal representa o modelo perfeito do revolucionário.

Há uma preocupação permanente em construir uma ideologia de inspiração quase religiosa que apresenta uma mensagem de esperança e de conhecimento antecipado da História. Uma religião agnóstica com santos e mártires. Os revolucionários que entregam a sua vida em nome dos valores colectivos.

Cunhal recusava o papel de líder individual, mas as suas acções remetiam aos olhos dos outros para esse heroísmo de assinatura e o mistério biográfico ajudou a desenhar o avatar revolucionário.

A base do retrato físico e psíquico pincelado por Jorge Amado decorre de um encontro em Paris.

Álvaro Cunhal regressava em 1948 de uma viagem à Jugoslávia e a Moscovo para recolocar o PCP na esfera de influência directa da União Soviética através da reintegração no movimento comunista. Amado, autor do primeiro romance proletário no Brasil (*Cacau*, 1933), estava exilado em França na sequência da cassação do seu mandato como deputado comunista.

O texto apologético foi amplamente divulgado durante a terceira prisão do dirigente comunista português e numa altura da intensa campanha nacional e internacional a favor da sua libertação.

As «medidas de segurança» impostas pela ditadura a Álvaro Cunhal depois da prisão de 1949 tornavam o seu destino incerto e emprestavam-lhe um certo fatalismo místico para quem observava o PCP do exterior.

É nesta fase que o Partido reforça a imagem do seu líder e os panegíricos ajudam a fortalecer a ideia do *herói revolucionário* encarcerado pelos algos de um regime autocrata e de inspiração fascista que sufocava as liberdades de um País triste e oprimido.

A prisão de Álvaro Cunhal representa a prisão de todo um povo.

Jorge Amado escreve sobre a paixão do líder do PCP em «libertar o povo português da humilhação salazarista», dos «corvos clericais» que estão a «comer o estômago do país» e dos «tristes inquisidores saídos dos cantos mal iluminados das sacristias».

Neste cenário dantesco, Cunhal desempenha uma função luminosa e histórica. Cabe-lhe construir «o dia de amanhã, o mundo novo a nascer das

ruínas fatais do salazarismo». Um papel messiânico que cumpre com alegria apesar de todo o sofrimento e de todas as privações.

Os comunistas sofrem por amor à causa que servem. São os «heróis anónimos do povo, os invencíveis, os que estão rasgando a noite fascista com a lâmina da sua audácia». A «libertação» de Portugal está nas mãos do «coração de revolucionário» desse «patriota», e Jorge Amado dramatiza a continuidade de Álvaro Cunhal na prisão admitindo a hipótese de o Estado Novo o assassinar.

«Querem matá-lo, assassiná-lo para que ele não continue à frente do seu povo. Pretendem matá-lo e nós sabemos que são frios assassinos os que querem matá-lo.»

O impacto emocional causado por Álvaro Cunhal nos encontros pessoais está bem presente neste texto do escritor brasileiro e será confirmado ao longo das décadas seguintes pelas pessoas que se vão deixar seduzir pelo seu magnetismo revolucionário.

Jorge Amado impressiona-se com a voz envolvente que Cunhal utiliza quando pretende dramatizar os seus sentimentos pelo povo e pelos trabalhadores portugueses e pela capacidade de mudar bruscamente de tom quando denuncia a violência do regime salazarista.

É uma «voz estrangulada de cólera» que se ouve contra Salazar e que cede de imediato à «doçura das palavras» quando fala de Portugal. A voz «doce e grávida de ternura» quando exalta o povo. A voz «violenta de cólera» quando se deixa tomar pela fome dos trabalhadores.

Jorge Amado apela à indignação de todos os brasileiros para ajudarem a lutar pela libertação do comunista português e cita uma conversa que teve com Pablo Neruda na sua casa na costa sul do Chile e que levou o poeta chileno a escrever o poema «Lâmpada Marinha»¹⁰.

Este poema é também uma homenagem a Cunhal e à sua luta pela libertação do povo português.

Neruda invoca a imagem de um Portugal encarcerado no hábito da resignação e a respirar temerário sob vigilância por detrás das portas e das cortinas. Os Portugueses são um povo sequestrado pelas sombras e o poema dirige-se ao «português da rua» que desconhece a prisão de Cunhal, a ausência de Militão Ribeiro e as circunstâncias da morte de Bento Gonçalves no Tarrafal.

A «Lâmpada Marinha» é um apelo à reconciliação de Portugal e dos Portugueses com a sua História heróica. Um apelo à libertação conduzida

¹⁰ Pablo Neruda, «A Lâmpada Marinha», *Contribuições à luta pela libertação de Álvaro Cunhal* (Editorial Avante, 1954).

pelo exército proletário liderado por Álvaro Cunhal, o revolucionário em estado puro.

Quem foi este homem que deslumbrou e arrastou com a sua personalidade poetas e escritores, camponeses sofredores nos campos e trabalhadores mortificados nas fábricas?

«Não julgo, nem quero, nem gosto, de me sentir reflectido em qualquer mito.»¹¹

Quem foi o homem por detrás do mito?

¹¹ Álvaro Cunhal, RTP 1, 6 de Março de 2001, citado em: Miguel Carvalho, *Álvaro Cunhal — Íntimo e Pessoal* (Lisboa: Campo das Letras, 2006).

I PARTE



AS ORIGENS BURGUESAS

I CAPÍTULO

À GENÉTICA COMUNISTA

Um legionário nas raízes da família

Avelino Cunhal nasceu na «porta da Serra da Estrela» a 28 de Outubro de 1887. Seia consagrou o seu nome a uma rua em tributo pelas funções de administrador do concelho, advogado competente e escrupuloso e artista literário.



A casa de Seia onde Álvaro Cunhal viveu com os pais e os irmãos. O edifício, tal como a escola primária, foram, entretanto, demolidos. Restam apenas fotografias antigas guardadas pelos familiares. (Arquivo pessoal do autor)

Filho de um sapateiro e de uma doméstica, mudou-se ainda jovem para Coimbra, onde conheceu a mulher, Mercedes. Licenciou-se em Direito, casou e teve nesta cidade os três primeiros filhos, António, Maria Mansueta e Álvaro. A última, Maria Eugénia, nasceria já em Lisboa. Duas das irmãs de Avelino mudaram-se para Coruche ainda na juventude e apenas a terceira ficou em Seia, onde morreu tuberculosa. Uma doença que esteve fatalmente

presente na descendência de Avelino. Ceifou as vidas dos filhos António José, com 24 anos (1909-1933), e Maria Mansueta, com nove anos (1912-1921).

As raízes da família Cunhal em Seia remontam a 1860.

Trata-se do ano da morte de José António Cunhal, proprietário rural e antigo legionário do exército português que combateu as tropas invasoras de Napoleão. Nasceu em Estremoz, combateu e casou na Guarda e morreu em Seia. É aqui que começam os laços dos Cunhal à região.

A participação do patriarca nas invasões napoleónicas está inserida nos esforços de resistência registados na Guarda e dos quais é principal testemunho a Fortaleza de Almeida. A sede da região militar das Beiras esteve sitiada pelas tropas do general Massena nesta altura e acabou por sucumbir na sequência da explosão de um paiol que arrasou parte significativa da estrutura defensiva.

Os conflitos provocaram centenas de mortos entre militares e civis. Muitos dos sobreviventes acabaram por se manter na região após a cessação das hostilidades, apesar do rasto de destruição deixado pelos invasores na arrastada retirada para Espanha e França.

As manobras das tropas napoleónicas geraram uma depredação civilizacional protagonizada por soldados e oficiais, cuja memória haveria de se perpetuar por várias gerações entre as populações locais vítimas dos saques. Os relatos dos párocos da região falam em «corpos vivos rachados ao meio», vítimas com «entranhas arrancadas» e pessoas «queimadas vivas».

«Pendurados uns nas árvores, manietados outros, acabaram os seus dias, amarrados alguns em cepos para lhes romper as veias: assim vieram a falecer muitos habitantes da Beira.»

A própria igreja matriz de Seia, onde Cunhal seria baptizado no século seguinte, tornou-se alvo da fúria napoleónica, tendo sido incendiada e praticamente reduzida a escombros. A sua reconstrução durou mais de três décadas.¹²

Os seis filhos do legionário José António Cunhal seguiram caminhos diferentes e constituíram ramificações autónomas que haveriam de produzir ligações desde a hierarquia religiosa ao exercício de cargos políticos.¹³

Manuel da Conceição chegou a prior de Santo António do Couço, ecónomo da Real Colegiada de São João Baptista de Coruche e capelão da Santa Casa da Misericórdia. Este antepassado de Álvaro Cunhal ficou ligado ao ramo mais abastado da família, que se estabeleceu no Ribatejo.

Eugénia Cunhal refere-se a estes familiares distantes como «os Cunhais

¹² J. Quelhas Bigotte, *Monografia da Cidade e Concelho de Seia* (Seia, 1992).

¹³ Árvore genealógica, *O Independente*, 18 de Maio de 1990.

ricos do Ribatejo, latifundiários que não têm nada que ver connosco e com quem nunca tivemos nenhum contacto».

António José, irmão do clérigo Manuel da Conceição, optou pela carreira política e destacou-se no Partido Progressista de Seia. Os seus quatro filhos nasceram na terra do avô legionário. As raparigas casaram na região e os rapazes inspiraram-se na vocação espiritual do tio. Luís Henriques Cunhal foi capelão de Santa Casa da Misericórdia de Seia, frequentou a Universidade de Coimbra e chegou a prior da Batalha, onde fundou o Apostolado do Coração.

Os jornais da época recordam o tio-avô de Álvaro Cunhal como tendo uma voz tão cavernosa e forte que lhe chamavam «o padre berregão da Batalha»¹⁴.

António José (baptizado com o nome do pai) instalou-se no Ribatejo, mas também cedeu ao instinto do sangue e envolveu-se na política. Chegou a presidente da Câmara Municipal de Coruche.

Este ramo da família Cunhal projectou o seu poder germinando conhecimentos importantes na sociedade oitocentista, tendo chegado a privar com o célebre padre Cruz, professor de filosofia no seminário de Santarém, após a sua ordenação como sacerdote, e destacada figura religiosa. Confessou e deu a primeira comunhão à irmã Lúcia em 1913 e em 1917 rezou com os três pastores na celebração das aparições de Fátima.

O património financeiro de António José cresceu significativamente com a oportuna participação na Sociedade Praia da Granja. Trata-se de uma colónia balnear construída na projecção da linha férrea nacional para o Norte, muito procurada por vários membros da família real, elites culturais oitocentistas e famílias nobilitadas de Lisboa e do Porto.

Após a sua morte, as partilhas dos bens favoreceram a bisavó paterna de Álvaro Cunhal e fixaram parte significativa do património da família em Seia.

Maria Máxima Cunhal nasceu, casou e morreu na região. A filha mais nova morreu solteira também em Seia e a outra casou, no mesmo concelho, com José Henriques Júnior. Os avós paternos de Álvaro Cunhal tiveram os filhos em Seia e ambos se envolveram na vida política, retomando de certa forma a tradição das gerações anteriores.

O tio de Cunhal viveu em Seia e ascendeu a vereador da autarquia, e o pai foi nomeado administrador do concelho, tendo chegado a governador civil da Guarda.

Avelino Cunhal abandonou o cargo para iniciar a sua vida em Lisboa, após as mortes dos filhos António José e Maria Mansueta.

¹⁴ J. Quelhas Bigotte, *Monografia da cidade e concelho de Seia* (Seia, 1992).

Álvaro Cunhal também viveu parte da sua infância em Seia, mas as marcas deixadas por estas raízes familiares foram, na sua essência, de rejeição do conservadorismo quotidiano.

«Lembro-me de uma tia nossa, a quem chamávamos tia Marquinhas, um dia ter dito: “O nosso Álvaro sempre foi tão bom rapazinho, mas deu-lhe para aquilo.” O Álvaro Cunhal podia ter sido na vida o que quisesse, mas optou por ser um grande comunista», recorda o familiar Humberto Mota Veiga, residente em Seia.¹⁵

«Era um homem extraordinário acima de tudo por ser um homem simples e sem preconceitos apesar da sua inteligência e dos conhecimentos que tinha», acrescenta o parente.

Os contactos com a mundividência rural dos caciques, dos aristocratas locais e do clero conservador acabaram por ser politicamente valorizados como componente da sua formação ideológica e contribuíram para a construção da sua imagem de líder.

Quando Álvaro Cunhal nasceu

ÁLVARO CUNHAL FOI O TERCEIRO DOS QUATRO FILHOS DE AVELINO Cunhal e de Mercedes Barreirinhas. Nasceu em Coimbra, tal como António José e Maria Mansueta. Maria Eugénia nasceu em 1927, já depois de os pais se terem instalado definitivamente em Lisboa.

As origens próximas da família registam alguns antepassados ilustres, incluindo ramificações a grandes latifundiários e clérigos. As ligações directas a Seia concentram-se no exercício directo de profissões liberais, cargos políticos e gestão de algumas terras.

Cunhal assumiu estas origens privilegiadas, mas conseguiu encontrar uma «certidão de nascimento político» nas raízes rurais.

«Sendo de origem burguesa, em toda a minha vida tive ligação muito profunda com operários, com camponeses, com pessoas exploradas e desprotegidas. Muito mais que com a burguesia.»¹⁶

«Era de facto de uma camada burguesa, mas ele próprio se assumia como um filho adoptivo do proletariado», recorda Eugénia Cunhal.¹⁷

A República abriu as portas à reorganização das estruturas dos trabalhadores. Em 1910, existiam quase 120 sindicatos activos envolvendo mais de 20 mil membros. No ano seguinte, o número de organizações triplicou.

¹⁵ Entrevista de Humberto Mota Veiga ao autor, 2008, Seia.

¹⁶ Catarina Pires, *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal* (Porto: Campo das Letras, 1999).

¹⁷ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

Os dirigentes reforçaram os seus poderes em Lisboa, Porto, Setúbal, Almada, Barreiro, Seixal, Alentejo e Algarve. Começaram a surgir crescentes focos de greves cadenciadas.

A cintura industrial de Lisboa regista um significativo aumento de poder dos operários fabris, dos ferroviários e dos estivadores. Sobrevivem esmagados pelos salários de miséria, os intermináveis horários de trabalho, sujeitos à tirania sistemática dos patrões e dos chefes de profissão.

Na área urbana, destacam-se os empregados subalternos nas grandes companhias de comércio, os funcionários de transportes públicos e o baixo funcionalismo público.

Ainda são poucos instruídos e não têm consciência de classe, mas começam a adquirir um crescente poder reivindicativo, o que os torna susceptíveis de fácil recrutamento casuístico pelos anarquistas perante os impotentes chefes socialistas.

Os camponeses continuam a ser uma massa analfabeta, explorada, sem ambições declaradas, dependente do caciquismo e do clero local.

As sucessivas reivindicações operárias desembocam em greves contra a exploração capitalista, pelo aumento dos salários e pela redução dos horários de trabalho.

Ficam cada vez mais definidas com clareza as classes da burguesia que dominam os governos e o proletariado em ascensão.

Os trabalhadores exigem do poder político e dos patrões que sejam definidas novas relações laborais.

Uma onda de contestação dos trabalhadores rurais eclode no Alentejo e alastra-se a outras regiões, arrastando manifestações populares de apoio.

A repressão policial provoca mortos e inúmeros feridos.

Em 1912, os sindicalistas conseguem decretar a primeira greve geral. O governo responde com a declaração do Estado de Sítio na capital e lança o Exército para as ruas à caça dos dirigentes sindicalistas.

Os detidos são colocados a ferros em fragatas fundeadas no Tejo. A vitória da ordem burguesa sobre as massas populares e anarquistas fica evidente na neutralização do movimento sindical nos anos seguintes, mas a tensão irá manter-se.

O que acontecerá aos restos do movimento anarco-sindicalista?

Os dezasseis anos de transe político da I República mostraram-se insuficientes para debelar os desequilíbrios financeiros herdados da Monarquia e estiveram na origem de sucessivas crises governativas.

Os repetidos fracassos dos partidos republicanos e a incompetência e inabilidade dos seus dirigentes irão criar condições férteis para os mais

variados golpes e contragolpes protagonizados por todas as facções entre si e contra si.

O clima instável irá prolongar-se até ao golpe fatal de 1926, mas nessa altura já existirá em Portugal o embrião de um partido comunista, defensor de um modelo revolucionário de sociedade.¹⁸

A chegada de Álvaro Cunhal é apenas uma questão de tempo.

A resposta ao que sobra do movimento anarco-sindicalista está nesse partido representante das classes trabalhadoras que irá surgir para lutar pelo comunismo durante as longas décadas seguintes.

A exaltante inspiração russa

A Queda do czar na Rússia em 1917 abre em glória as portas de um mundo novo. Um mundo que haverá de marcar parte substancial do século xx depois de o modificar profundamente.

A abdicação de Nicolau II anuncia o início da construção dessa nova sociedade capaz de proporcionar a todas as pessoas uma vida livre e feliz.

Os comunistas acreditam e lutam pela libertação dos trabalhadores, e a Revolução Russa é apresentada como um acontecimento tremendo e exemplar.

A tomada do Palácio de Inverno surge como um marco no processo de humanização dos novos homens. Os homens comunistas.

O Novo Evangelho profetiza o fim do capitalismo sufocado pelas suas contradições internas e promete que o proletariado alcançará o reino da liberdade e da igualdade por virtude da sua luta libertadora.¹⁹

Há uma crença inabalável na revolução como uma espécie de apocalipse a partir do qual se organizará uma nova ordem mundial.

Trata-se de criar na Terra a sociedade perfeita que os sistemas religiosos prometem apenas para depois da morte, mas sem a intervenção de Deus e apenas dependente da vontade dos homens.

É esta ideia generosa que deixará Cunhal fascinado quando a família trocar o remanso de Seia pelo cosmopolitismo de Lisboa.

O perpétuo czarismo esboroara-se por fim em Fevereiro de 1917, após sucessivos dias de manifestações de trabalhadores nas ruas e de militares sublevados nas unidades em Petrogrado (mais tarde São Petersburgo e, depois, Leninegrado).

¹⁸ Cf. José Pacheco Pereira, «Contribuição para a história do Partido Comunista Português na I República (1921-1926)», *Análise Social*, vol. xviii (67-68), 1981: 695-713.

¹⁹ João Arsénio Nunes, «Sobre alguns aspectos da evolução política do Partido Comunista Português após a reorganização de 1929 (1931-33)», *Análise Social*, vol. xvii, n.º 67/69, 1981: 715-731.

A Rússia mergulhara num estado de apodrecimento irreversível, e o czar mostrava-se incapaz de avaliar correctamente a situação para encontrar as urgentes respostas.

A abdicação real abriu as portas para um governo provisório e para uma certa reorganização do caos que só estaria completa com a decisiva intervenção de Lenine.

Foram adoptadas medidas para repor as liberdades fundamentais, mas o recém-eleito soviete de Petrogrado manteve-se efervescente na ausência de um líder forte e incontestado que soubesse dar a guinada certa.²⁰

Um lugar que seria ocupado por Lenine depois de chegar do seu exílio na Suíça.

Estes revolucionários russos nascidos no Império dos Romanov recusavam qualquer tipo de comprometimento com o regime czarista e marinavam nos cafés de Genebra à espera que uma Revolução os chamasse de regresso a casa. A Revolução chegara e chamava-os.

Os poderes pré-leninistas tinham-se revelado incapazes de corresponder aos anseios das populações e a revolução continuou imparável nas ruas perante a falência generalizada das instituições.

Os revolucionários socialistas que tomaram o poder hesitavam em levar a revolução para a solução final do comunismo.

Lenine desembarca por fim na estação Finlândia no dia 4 de Abril para tomar as rédeas dos acontecimentos e extirpar essa tendência para um perigoso compromisso burguês.

O acto cénico da chegada do herói vindo do exílio será mimeticamente repetido por Álvaro Cunhal após o golpe de 1974, quando aterrar em Lisboa vindo de Paris. Mas, ao contrário de Lenine, Cunhal teve de pactuar com a burguesia enquanto tentou controlar indirectamente os acontecimentos.

O Partido Bolchevique da Rússia recuperou terreno e emergiu como uma força organizada e disciplinada liderada por uma vanguarda de revolucionários profissionais prontos para provocar uma ruptura irreversível na Rússia.

Petrogrado projecta o poder dos bolcheviques com sucessivas greves e manifestações e o curso dos acontecimentos torna-se necessariamente diferente com a presença de um chefe revolucionário.

Um mês após a queda do czarismo, Lenine dá por concluída a revolução democrático-burguesa e defende a sua transformação imediata numa revolução proletária.²¹

Os bolcheviques passam a defender a tomada de poder pela violência

²⁰ *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS* (Porto: Editora Vento de Leste, s.d.).

²¹ Henri Lefebvre, *O Pensamento de Lenine* (Lisboa: Moraes Editores, 1975).

e a insurreição armada sem quaisquer reservas ou hesitações. Leon Trótski junta-se a Lenine e aumenta o caudal revolucionário quando assume o comité militar revolucionário do soviete de Petrogrado.

Álvaro Cunhal nunca foi tão longe, apesar das hesitações de alguns sectores do PCP no 25 de Novembro.

Os bolcheviques lutaram pela ascensão dos sovietes ao poder através de uma revolução violenta e encontraram em Marx e Engels a justificação teórica para a insurreição armada e a ditadura do proletariado (mais tarde transformada em ditadura do partido único) a partir dos sovietes eleitos e organizados pelos soldados e pelos trabalhadores.

Lenine acredita que a violência representa o único caminho para o comunismo na Rússia, e Cunhal cravou essa característica leninista no código genético do PCP para derrubar a ditadura. Faltava saber o que fazer no passo seguinte.

Júlio Fogaça irá aproveitar a longa prisão de Cunhal nos anos 50 para se atrever a adoptar uma estratégia de compromisso dócil, mas terá depois de enfrentar a sua ira implacável quando escapar do Forte de Peniche para repor a insurreição popular armada.

Após uma luta terminal pela tomada do poder entre duas concepções que correspondiam a dois partidos diferentes, Cunhal venceu em toda a linha e repôs a estratégia leninista.





Júlio Fogaça assumiu-se como o grande rival de Álvaro Cunhal, tendo acabado por ser apagado da História do PCP. (Arquivo da Academia de Ciências)

Fogaça foi expulso com o estigma da homossexualidade.²²

O comité militar revolucionário do soviete de Petrogrado força depois a destituição do governo provisório em Outubro de 1917, com um ataque apoteótico de Trótski ao Palácio de Inverno, e anuncia a ascensão dos sovietes ao poder através do governo do Conselho dos Comissários do Povo.

É a primeira grande vitória da longa derrota comunista.

Lenine oferece um armistício à Alemanha para retirar a Rússia da Primeira Guerra Mundial e fazer as tropas regressar a casa. Inicia o processo de distribuição pelos agricultores de terras confiscadas à monarquia imperial, à Igreja e aos proprietários privados, nacionaliza os grandes bancos e concede poderes aos trabalhadores para participarem na gestão das empresas.

Nasce o primeiro Estado comunista.

A Era Vermelha vai começar e terá na Internacional Comunista o instrumento de propagação controlada do vírus revolucionário pelo mundo inteiro.²³

Também Cunhal apoiou determinadamente os militares que acabaram com a guerra colonial e fizeram as tropas portuguesas regressar a casa.

²² Cf. Adelino Cunha, *Júlio de Melo Fogaça* (Lisboa: Saída de Emergência, 2018).

²³ Annie Kriegel, *As Internacionais Operárias* (Amadora: Livraria Bertrand, 1974); *A Internacional Comunista*, vol. III (Lisboa: Edições Avante!, 1973).

Também ele influenciou decisivamente a expropriação das terras e a sua distribuição pelos agricultores e as nacionalizações dos bancos e das grandes empresas dos sectores estratégicos da economia nacional.

Ficou por cumprir a tomada do Palácio de Inverno.

As origens anarquistas do PCP

AFUNDAÇÃO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA INTERNACIONAL COMUNISTA remonta a 6 de Março de 1921. É a primeira estrutura partidária criada para responder às necessidades históricas do movimento operário português depois da Revolução Russa.²⁴

O PCP surge na I República como uma tentativa de traduzir a nova dinâmica alimentada pela energia revolucionária libertada em Petrogrado e em Moscovo. Porém, os quatros anos que separam as duas datas foram marcados por uma intensa turbulência ideológica e inconsistência orgânica, e a própria criação do PCP como acto clarificador teve dificuldades em superar as limitações.

A ascensão ao poder de Bento Gonçalves em 1929 marcará o primeiro esforço consistente de disciplinar a organização e clarificar as bases ideológicas do PCP.

«Embora o Partido tivesse sido criado em 1921, não existia de facto em 1929 um Partido Comunista em Portugal. Tratava-se de criá-lo nas condições de clandestinidade e foi essa a tarefa de Bento Gonçalves e seus companheiros nos anos que se seguiram à Conferência Nacional do Partido realizada em Abril de 1929, na qual se verificou haver em Portugal apenas 30 comunistas», escreverá Cunhal após a sua fuga do Forte de Peniche nos anos 60.²⁵

Ao contrário do que sucedeu nas outras experiências europeias, o PCP encontra as suas raízes no anarco-sindicalismo e não numa dissidência do movimento socialista.²⁶

O Partido Socialista tinha sido criado em Portugal como representante dos trabalhadores e da classe operária na I República.

O que verdadeiramente nunca aconteceu.

²⁴ César Oliveira, *O Primeiro Congresso do Partido Comunista Português* (Lisboa: Seara Nova, 1975); João G. P. Quintela, *Para a História do Movimento Comunista em Portugal: 1. A construção do Partido (1.º Período 1919-1929)* (Porto: Edições Afrontamento, 1976).

²⁵ Álvaro Cunhal, «A tendência anarco-liberal na organização do trabalho de direcção», Dezembro de 1960, em: Álvaro Cunhal, *Obras Escolhidas, vol. II, 1947-1964* (Lisboa: Edições Avante!, 2008).

²⁶ «Duas Palavras», em: Bento Gonçalves, *Os Comunistas* (Porto: A Opinião, 1976).

A elevada taxa de analfabetismo dos operários inviabilizou a constituição de uma base eleitoral sólida e a integração no regime parlamentar implicava cedências à burguesia para garantir votos.

Participar no jogo eleitoral e submeter o Partido aos sufrágios correspondia à ruptura com as bases operárias.

Este dilema seria aproveitado pelos anarquistas.

Apresentaram-se perante o movimento operário contra os partidos e contra o parlamentarismo e conseguiram fertilizar em seu proveito as bases do movimento socialista e provocar a derrocada progressiva do PS.

O PCP aproveitou parte deste caminho, mas a fragilidade ideológica da base de apoio teve reflexos na inconsistência dos primeiros anos.

As informações que vão chegando ao Comintern ao longo do período fundador retratam uma secção sistemicamente refém do anarquismo.

A convulsão ideológica no PCP marca todo o período de 1921 a 1926. Após o golpe militar, abatem-se as trevas provocadas pela ilegalização e só a intervenção determinada de Bento Gonçalves permitirá encontrar o caminho de renascimento.

O movimento comunista internacional terá necessariamente de intervir em Portugal na fase embrionária, mas os próprios bolcheviques ainda estão nessa altura a sedimentar o poder na Rússia.

A revolta de Kronstadt ocorrida no mês da fundação do PCP surgiu como uma ameaça à liderança leninista emergente.

O papel do PCP em Portugal dificilmente poderia exigir uma atenção especial do movimento comunista internacional nesta altura. O Comintern concentrava as suas prioridades na solidificação da revolução na Rússia e garantia a sua disseminação pelos países de maior potencial revolucionário.

A experiência portuguesa teria de ser feita com base numa significativa dose de voluntarismo.

O exemplo da Revolução Russa como motor de ruptura social e de libertação dos trabalhadores contra os patrões e o Estado opressor começa por ser absorvido pelo movimento sindical português.

Ainda é a casa comum de revolucionários, anarquistas e socialistas.

Os líderes do futuro PCP tinham necessariamente de emergir das lutas intestinas que haveriam de resultar da dolorosa separação entre os anarquistas e os novos comunistas após liquidarem em conjunto os socialistas.

A primeira tentativa de traduzir em Portugal o conceito da «revolução levada ao máximo» surge em Maio de 1918 com a criação da Federação Maximalista Portuguesa, uma estrutura pioneira vagamente inspirada no bolchevismo para ultrapassar os limites operacionais do movimento sindical. O fracasso da greve

geral de 1918 e a crise gerada pela Primeira Guerra Mundial exigiram métodos de intervenção social e política mais eficazes.²⁷

A iniciativa federativa juntou anarco-sindicalistas, sindicalistas revolucionários e socialistas e pretendia difundir os «princípios tendentes» ao estabelecimento do socialismo comunista com um objectivo instrumental: derubar o poder instituído através de uma revolução que tinha como ponto de partida a Revolução Russa.

Em Maio do ano seguinte, a Federação apresenta a sua declaração de princípios e inicia em Outubro a publicação d'*A Bandeira Vermelha* como órgão oficial de propaganda.

Os Conselhos Maximalistas fundados em várias capitais de distrito ajudaram na difusão dos ideais revolucionários e provocaram um inevitável abalo social e político.²⁸

O próprio movimento sindical transforma-se organicamente e surge em Setembro a poderosa Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) como órgão dirigente de todos os sindicatos e federações.

Nesta altura ainda não existe um «partido revolucionário» capaz de aproveitar as condições objectivas das jornadas de luta, que se vão sucedendo nas ruas e nas fábricas, e organizar uma insurreição para tomar o poder.

Bento Gonçalves lamenta que a vanguarda proletária tenha ficado todo este tempo sem consciência desse papel e desconhecendo os ensinamentos de Lenine e a experiência da Revolução Russa.

A Federação Maximalista Portuguesa tentou responder aos impulsos das massas, mas sem consistência ideológica, e desconhecendo a real dimensão do que se passava na distante Rússia e o que pensavam os teólogos do comunismo.

Os dirigentes da Federação não tinham contacto sustentado com o movimento comunista internacional, mas sabiam que uma revolução tinha derrubado os poderes instituídos na Rússia com a força organizada dos operários e dos militares contra a aliança exploradora dos patrões e do Estado.

No imaginário colectivo dos operários portugueses tornara-se possível vencer.²⁹

A Federação lançou-se com voluntarismo nessa luta e envolveu-se em inúmeras greves. Nunca esteve perto de criar condições para uma revolução,

²⁷ João Madeira, «Bolchevização, funcionários clandestinos e identidade no PCP», *Revista História das Ideias*, vol. 25, 2004.

²⁸ Cf. Alfredo Margarido, *A Introdução do Marxismo em Portugal 1850-1930* (Lisboa: Guimarães Editores, 1975); António Pedro Pita, *O Marxismo e os Intelectuais Portugueses* (Coimbra: Oficina do CES, 1989).

²⁹ Miguel Wager Russell, *As Minhas Actividades no Socorro Vermelho Internacional* (Lisboa: Edições Avante!, 2008).

mas desbravou um caminho teórico importante na divulgação dos sentimentos revolucionários.

Cessou formalmente as hostilidades dois anos e meio após a sua fundação devido à repressão exercida pelos chefes republicanos sobre os dirigentes maximalistas. Porém, a Federação foi, acima de tudo, vítima da sua inconsistência orgânica e das contradições internas que geravam um estrangulamento operacional.

As sementes lá ficaram lançadas nesse Outono de 1920.³⁰

A classe operária sem partido

A MASSA CRÍTICA GERADA NO MOVIMENTO OPERÁRIO DESENVOLVEU-SE E alguns dos fundadores da Federação Maximalista assumiram a necessidade de criar uma resposta política organizada para a nova realidade.

Tornava-se urgente ir além de um movimento voluntarista de propaganda ideológica.

O mundo das relações laborais estava em mutação e a impossibilidade de manter o sindicalismo só por si como motor do movimento operário exigia a criação de um partido operário de massas como instrumento da acção revolucionária.

O PCP representava uma resposta inovadora para os novos trabalhadores concentrados nas cinturas industriais das cidades.

Sabiam do sucesso da Revolução Russa e davam sinais de estar prontos para participar em novas formas de luta e enfrentar patrões, banqueiros e especuladores financeiros entretanto balcanizados numa poderosa confederação de interesses económicos.

Só um partido podia canalizar o fervor do nascituro proletariado capaz de ameaçar as classes dominantes e dirigi-lo para o objectivo organizado de provocar uma revolução.

Um partido que tivesse uma estrutura de funcionários hierarquizados e disciplinados e um corpo doutrinário para enquadrar os objectivos que pretendia alcançar tendo como modelo o sucesso já verificado na Rússia.

Em Dezembro de 1920, surge a comissão organizadora dos trabalhos para a constituição do PCP e em Março do ano seguinte uma junta nacional assume a condução do Partido.

A extinção da Federação Maximalista abriu as portas do comunismo aos

³⁰ A obra de João Madeira apresenta uma síntese consistente deste período: *História do PCP* (Lisboa: Tinta da China, 2013).

activistas recrutados no anarco-sindicalismo e o líder federativo Carlos Rates cedo se destacou na comissão organizadora.

Começara por se revelar um dos mais aguerridos sindicalistas na fase final da Monarquia.

A primeira sede do PCP foi instalada na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, em Lisboa, tendo a direcção sido eleita na Associação dos Empregados de Escritórios.

Nesta altura, Álvaro Cunhal vive em Seia com os pais, os irmãos, a avó materna e duas criadas. Jogava à «bilharda» na rua com os outros meninos e subia à serra para largar aos ventos os papagaios que construía com canas, mas abandonara a escola primária por causa da violência dos professores e estudava em casa com ajuda do pai, advogado e escritor.

«Em Seia fui o primeiro dia à escola e aquilo era um espectáculo de selva-jaria, a darem violentas palmatoadas e reguadas aos miúdos. Naquela escola era assim a educação. E eu saí da escola e fui para casa, contei ao meu pai o que vira e assim não fui mais à escola.»³¹

Haveria de fazer o exame de admissão ao liceu pouco tempo depois, quando a família se mudou para Lisboa.

A chamada Junta Nacional do PCP publica um manifesto ideológico com os argumentos debitados pela Internacional Comunista e inicia uma tentativa de clarificação do seu espaço político.

José de Sousa abandona a Juventude Sindicalista e força uma cisão interna para formar a Juventude Comunista.

O recém-nascido PCP começa a publicar *O Comunista* e *O Jovem Comunista* como órgãos oficiais de propaganda e rompe com a CGT para autonomizar a sua linha de acção.

Os primeiros passos de ruptura com o sindicalismo revolucionário estão dados, mas as contradições fundacionais mantiveram-se, e irão gerar sucessivas convulsões por causa do anarquismo.

A sua influência sistémica provocou desordem orgânica e o PCP revelou dificuldades para se libertar das origens que misturavam bolchevismo, maximalismo e anarquismo.

A defesa do partido organizado implicava a aceitação da ditadura do proletariado como fórmula de exercício do poder e o reconhecimento de que o processo conducente à revolução não dependia exclusivamente do movimento sindical.

Um caminho que colidia com os anarquistas.

³¹ Pires, *Cinco Conversas...*

Recusavam qualquer forma de poder, rejeitavam os partidos políticos e assentavam a sua intervenção nas acções directas e na ideia de greve geral como fim supremo, o que tornava inevitável para o PCP provocar uma ruptura definitiva com o anarco-sindicalismo acantonado na CGT.

Em 1922, são estabelecidos contactos directos com a Rússia e o Comintern através das deslocações a Moscovo de vários dirigentes portugueses.³²

O PCP tenta integrar-se no movimento comunista internacional e submeter-se às directivas da Internacional. Rates integra essa comitiva e aproveita a sua deslocação à Pátria Bolchevique para publicar o livro *A Rússia dos Sovietes* e divulgar as virtudes da Revolução Russa.

Bento fala de uma leva de dirigentes «exóticos» e «bizarros» e da fragmentação completa da estrutura juvenil que tomou «a vanguarda do terrorismo operário à bomba e a tiro».

De facto, Rates aproveita o seu prestígio intelectual no movimento sindical e decide forçar uma ruptura no PCP com o grupo afecto a Caetano de Sousa, Pires Barreira e José de Sousa e a maioria do aparelho do Partido.

O diferendo teve de ser directamente resolvido pela Internacional Comunista.

Em Novembro de 1923, Jules Humbert-Droz entrega a Rates a liderança da secção portuguesa no I Congresso e impõe a inclusão de José de Sousa e de Pires Barreira numa direcção alargada.

Moscovo escolheu o primeiro secretário-geral do PCP.³³

A intervenção plenipotenciária do delegado da Internacional tentava clarificar a situação entre as tendências em conflito e garantir também o efectivo controlo internacional, mas acabou por agravar ainda mais a ruptura e acicatar as divergências.

«A decisão do conflito não foi acertada. Era impossível chegar a uma conclusão justa com base nas concepções dos dois grupos. Um e outro comportavam inconvenientes à formação de um Partido revolucionário, um Partido Comunista», acusa Bento Gonçalves.³⁴

Cunhal subscreverá mais tarde a tese de que Rates era «o mau da fita» e que a Internacional interveio erradamente a seu favor no conflito que o opunha ao «sector operário».

Num excesso de voluntarismo, Rates chegou a apresentar no comité

³² Cf. Álvaro Cunhal — *A Revolução de Outubro, Lenine e a URSS* (Antologia de textos), Francisco Melo e Rui Mota (orgs.) (Lisboa: Edições Avante!, 2017).

³³ José Pacheco Pereira, Álvaro Cunhal — *«Daniel», o jovem revolucionário* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1999).

³⁴ Gonçalves, *Os Comunistas...*

central do PCP uma proposta para a venda das colónias portuguesas para suportar o «fomento da agricultura e comércio».

Bento recorda que a ideia só foi travada devido à intervenção preventiva de Humbert-Droz.

A liderança errática permitiu a continuidade dos mesmos problemas: ausência de estruturas e inconsistência ideológica. A direcção colegial imposta por Moscovo fracassou e a ruptura acabou por se agravar com o queimar dos dias.

O posterior castigo de José de Sousa e a exclusão de Caetano de Sousa parecem dar razão a Bento Gonçalves.

«Rates e a sua gente cavavam cada vez mais a separação entre as massas operárias e o partido.»

O PCP deixa lentamente de existir.

«Mas que espécie de contribuição tinham dado os Ratistas ao partido para evitar o seu descalabro? Nenhuma.»

Bento chega mesmo a tratar Rates e Humbert-Droz como «oportunistas».

A liderança de Rates revelou-se casuísta e ideologicamente inconsistente.

Bento escreverá mais tarde que o acto de criação do PCP na I República respondeu à «necessidade política do proletariado», mas aponta o dedo aos «infiltrados» que impediram o seguimento do rumo correcto, ou seja, critica os «indivíduos da pequena burguesia» que tentaram explorar o esforço da classe operária a seu favor.

Foram estes «infiltrados» que assumiram a direcção do PCP com métodos de trabalho assentes nas «reuniões de café».

Faltavam as orientações gerais, a preparação dos Quadros dirigentes, a formação teórica dos próprios líderes e a estruturação da Juventude Comunista para disseminar o comunismo entre os jovens.

O PCP pulsa neste país que oferece oportunidades revolucionárias em cada esquina, mas ainda está longe de conseguir accionar os necessários mecanismos de resposta.

A Rússia é uma inspiração profética, mas distante.

A intervenção da Internacional para organizar em Portugal um partido revolucionário que, na verdade, nunca existira até então, agravou a situação do PCP e expôs as suas incapacidades para seguir os feitos de Petrogrado.

Rates acabará por cair em desgraça.

O líder entronizado por Moscovo vê-se afastado do PCP e tratado como um «arrivista» e «traidor». Abandonou a militância em finais de 1925.

O II Congresso de 1926 do PCP ainda chega a iniciar os seus trabalhos em Maio para tentar nova reorganização, mas o golpe militar de Gomes da Costa força a sua suspensão.

O Parlamento é dissolvido, imposta a censura prévia na Imprensa e executadas ordens de detenção para centenas de dirigentes sindicais.

No ano seguinte, ocorre mais uma tímida tentativa de reorganização levada a cabo por Augusto Machado após ter participado nas comemorações da Revolução Russa.

Sem sucesso.

A sede do PCP foi encerrada compulsivamente e decretada a sua ilegalização.

O Partido chega aos anos 30 moribundo por força da repressão decretada pelo golpe de 28 de Maio, exaurido das energias que investiu em todas as tentativas de derrubar o regime pela violência e vítima da sua própria crise interna gerada na depuração dos resquícios anarquistas.

O voluntarismo dos revolucionários operários estava esgotado por força das desilusões provocadas pelo falhanço dos sucessivos anúncios sobre a iminência de uma vitoriosa revolução em Portugal.

A passagem à clandestinidade exigia uma nova geração de militantes e de dirigentes, e o PCP mergulha no martírio colectivo que irá durar até 1974.

Serão mais de quarenta anos de luta em grande medida alimentada pela energia de Álvaro Cunhal.

II CAPÍTULO

○ EXEMPLO INSPIRADOR DO PAI

A iniciação religiosa em Seia

O baptismo de Álvaro Cunhal realizou-se no dia 5 de Maio de 1919. A cerimónia de sacramento teve como padrinho o irmão António José, com dez anos, e o assento refere que «para madrinha recorreu-se à invocação de Nossa Senhora da Assunção».

A santa representa a elevação da mãe de Jesus em corpo e alma à eternidade junto de Deus depois da sua vida terrena.

O irmão e padrinho de Cunhal morreu de tuberculose em 1933.

Tinha pouco mais de 20 anos. Foi a segunda perda da família.

A iniciação católica teve lugar na igreja matriz de Seia, a mais antiga da localidade, e que havia sido fortemente fustigada durante a terceira invasão napoleónica.

Cunhal, com cinco anos da idade, foi colocado debaixo da fonte de onde jorra o coração de Cristo e recebeu as graças do crucificado através do Espírito Santo, simbolizado por uma pomba branca que irradia luz e se projecta pela igreja em sete raios.

A imagem da padroeira que testemunhou o baptismo católico de Cunhal foi comprada em 1883 e custou 290 mil réis aos cofres do Apostolado da Oração, presidido por uma fidalga de renome local, Maria Joana Pinto Stokler.

O quadro conceptual religioso enquadra-se no pensamento e modo de vida de Mercedes Barreirinhas.

Praticava os ritos católicos e levava os filhos à missa aos domingos. Álvaro Cunhal acompanhava a mãe à igreja, mas foi no pensamento liberal do pai que formou a sua personalidade irreverente e criativa.

Num dos seus contos literários, Avelino Cunhal refere-se depreciativamente a uma «barroca e decrépita baronesa» como símbolo de toda a decadência que restava dos títulos feudais na região.³⁵

Num outro momento literário, denuncia a amizade entre um padre e um velho fidalgo forjada em torno do vício do jogo dos dados e da bebida.

A rejeição deste mundo manso esteve sempre presente ao longo da vida

³⁵ Avelino Cunhal, *Senalonga* (Seia: C. M. Seia, 1996).

política do filho, mas Eugénia Cunhal invoca a completa abertura de espírito do pai quando mostrava aos filhos o Antigo Testamento e apelava a que cada um formasse a sua própria consciência.

Seia viveu durante décadas essencialmente da indústria dos lanifícios para manter a sua mais importante actividade económica. As fábricas têxteis e de transformação de madeiras e curtumes empregavam parte substancial dos habitantes desta «porta da Serra da Estrela».

A vida no campo estava essencialmente ligada à criação de ovelhas e de cabras destinadas à indústria têxtil e à produção de queijos de qualidade reconhecida.

Um microcosmo dominado por pequeno-burgueses endomingados, luminárias locais e autoridades eclesiásticas infalíveis na correcção dos comportamentos seculares alheios.

A infância de Cunhal em Seia ainda projecta este paradigma do Portugal rural dos caciques, da reverência religiosa e das famílias pontifícias de ascendência local.

Procurou preservar destas recordações a convivência com o povo simples que o haveriam de ajudar a construir um esquema mental alinhado com a perspectiva marxista. O mundo dos trabalhadores explorados nas fábricas com salários de fome, os pobres agricultores subservientes e os pastores atravessados por frequentes períodos de penúria.

«Tenho encontrado, de uma forma geral, nos trabalhadores e nas pessoas pobres mais generosidade, solidariedade, convívio aberto e são, prontidão para ser amigo, sentimentos que me cativam e me deram vida fora grandes e incomparáveis amigos», dirá mais tarde.³⁶

No *Rumo à Vitória*, escrito da década de 60, após a fuga de Peniche e concluído em Moscovo, Cunhal começa por criticar as pessoas que tomam «atitudes desdenhosas» em relação à luta nos campos e deixa claro a sua simpatia pelos assalariados rurais do Alentejo e Ribatejo perante as «forças repressivas».

Elogia a capacidade de organização do PCP nesta fase por saber responder com «maleabilidade» aos vários momentos da luta, advertindo que a estrada da revolução é «sinuosa» e «irregular» e os revolucionários têm de sentir o pulsar do povo para saber corresponder aos seus anseios de libertação.

Cunhal encontra nas raízes serranas um catalisador da sua tomada de consciência política marxista.

³⁶ Pires, *Cinco Conversas...*

É em Seia que conhece a virtude dos trabalhadores explorados pelos senhores de inspiração feudal.

É nesta infância serrana que contacta com a relação servil de produção que o marxismo identifica com um período histórico na transição do feudalismo para o capitalismo.

Cunhal abordará este tema em detalhe durante a sua terceira prisão com o ensaio *As Lutas de Classes em Portugal nos Fins da Idade Média*. Uma reflexão que elogia os levantamentos dos camponeses contra os opressores e que invoca de forma distante a sua memória de Seia.

A herança de Avelino Cunhal

AVELINO CUNHAL VIVEU COM A FAMÍLIA DURANTE VÁRIOS ANOS NUMA discreta casa de dois pisos na Ladeira das Alpenduradas, em Coimbra, perto da maternidade onde nasceu o filho Álvaro.

Após se licenciar em Direito, regressou à terra natal do pai em 1916 para exercer advocacia.

Dois anos mais tarde, aceitou um cargo de nomeação política em Seia. O orgulhoso beirão e advogado de província ascendeu a administrador do concelho de Seia e passou a integrar a máquina estatal de Sidónio Pais.

O «Presidente-Rei» emergira à cabeça do Partido Nacional Republicano como um chefe carismático e com capacidade para federar interesses acima dos partidos políticos tradicionais que provocavam sucessivas crises sistémicas.

Tinha tomado o poder na sequência do golpe que em Dezembro de 1917 depôs um prestigiado conterrâneo de Avelino, o chefe republicano Afonso Costa.

Combateu com todos os meios ao seu alcance, muitos deles ilegais, a chamada «rotina dos partidos».

No regresso à terra natal, Avelino participou na fundação da Sociedade de Propaganda e Defesa do Concelho de Seia, em Dezembro de 1918.

«Parece que foi de efémera duração e nada resultou de aproveitável para a propaganda e defesa do concelho», sentencia Quelhas Bigotte numa pormenorizada monografia de pendor católico.

A tensão dos sectores conservadores com os republicanos teve vários episódios em Seia durante a fase da residência dos Cunhal.

Por exemplo, quando o bispo de Aureliópolis e Auxiliar da Guarda decidiu efectuar uma visita ao concelho, em Novembro de 1921, um maçon

apareceu com uma pistola no local da recepção gritando que pretendia matar o representante católico.

Em 1922, um ano após a morte da filha Maria Mansueta, Avelino chegou a representante do governo no distrito da Guarda. É nesta altura que Carlos Rates, Caetano de Sousa e Pires Barreira se deslocam a Moscovo como representantes do PCP para assistirem ao congresso do Comintern e recolherem directivas políticas para adoptar na secção portuguesa.

Cunhal tem nove anos.

O comunismo ainda é uma tentação distante, mas os valores republicanos do pai vão moldando a sua personalidade no sentido da solidariedade social e da insubmissão política.

Foi na terra natal de Avelino Cunhal que os republicanos realizaram o último comício durante o regime monárquico, tendo sido presidido pelo próprio Afonso Costa, no dia 25 de Setembro de 1910, no qual este vaticinou aos seus conterrâneos: «Patrícios, contai os dias da Monarquia! A República será um facto dentro de pouco tempo!»

«Durante a ditadura, festejávamos em Seia o 5 de Outubro com o pretexto das origens de Afonso Costa, mas, na verdade, estávamos a homenagear Álvaro Cunhal», afirma Humberto Mota Veiga, familiar e residente em Seia.³⁷

Avelino Cunhal destacou-se com particular força nas letras e publicou inúmeros contos nos livros *Nevroses*, *Areias Secas* e *Senalonga*. Escreveu com o pseudónimo Pedro Seródio as peças de teatro *Os Dois Compartimentos*, *Naquele Banco*, *Ajuste de Contas* e *Tudo Noite*. Algumas foram representadas pelo grupo de teatro de Manuela Porto.

As prestigiadas e influentes revistas culturais *Vértice* e *Seara Nova* publicaram regularmente as suas críticas literárias.

A pintura de Avelino também conheceu destaque, tendo sido mostrada ao público nas exposições gerais de artes plásticas da Sociedade de Nacional Belas-Artes. Um dos seus quadros, *O Menino da Bandeira Branca*, acabou mesmo por ser apreendido pela PIDE.

Também o filho se irá aventurar na ficção literária, no desenho e na pintura.

Avelino publicou o seu primeiro livro em 1915. Tinha 26 anos. *Nevroses* é uma edição de autor que contém cinco histórias marcadas por personagens perturbadas por problemas neuróticos que conferem aos quadros ficcionais uma carga extremamente pesada e que não se encontra nos escritos que irá produzir nos anos seguintes.

³⁷ Entrevista de Humberto Mota Veiga ao autor, 2008, Seia.

O livro começa com uma citação de Gorki, «a alma é formada pelo sangue», antes de entrar num desfile de personagens psicologicamente desequilibradas, marcadas pela obsessão e pela loucura, fisicamente violentas, revelando os instintos mais básicos e cruéis da natureza humana.³⁸

A experiência de Álvaro Cunhal durante o seu internamento na enfermaria da Penitenciária de Lisboa servirá também como fonte de inspiração literária. A obra reproduz as tragédias dos presos de delito comum numa linguagem igualmente crua e realista.

Durante a terceira e longa prisão do filho, Avelino escreveu um conjunto de contos que publicou nos anos 60. Álvaro Cunhal já se tornara no grande dirigente do PCP e toda a sua família passara a estar sujeita à vigilância sistemática da PIDE.

Senalonga distancia-se por completo do universo neurótico do primeiro livro. Além dos temas ligados à política e justiça local, Avelino discorre sobre cenas do quotidiano com alguns desfechos irónicos.

Avelino Cunhal distinguiu-se na acção cívica e na utilização da criatividade literária para denunciar injustiças sociais e sinalizar os seus posicionamentos políticos contra o regime.

Uma atitude de insubmissão e de contestação que seria herdada por Álvaro Cunhal.

«O nosso tio Mário Cunhal não se cansava de dizer que o Álvaro sempre teve uma noção extraordinária do sentido de justiça», recorda Humberto Mota Veiga.³⁹

Também Cunhal haveria de escrever livros retratando as realidades do país e a sua própria experiência, mas dando um passo mais adiante na intervenção social através de um partido político clandestino.

Avelino Cunhal exerceu as funções de administrador até ser chamado para um cargo mais elevado: governador civil do distrito da Guarda em pleno sidonismo.

O cargo remonta ao Código Administrativo de 1836 e conferia ao seu titular funções de ligação entre o poder local e central, usufruto de competências em matéria de fiscalização legislativa em várias áreas e poderes em matérias civis.

Acabaria por evoluir para uma função de simples serviço até a sua extinção ser decretada pelo salazarismo.

É nesse contacto permanente com o quotidiano da província que Avelino Cunhal se inspira e deixa que a crítica política se manifeste frequentes vezes.

³⁸ Avelino Cunhal, *Nevroses* (edição de autor, 1915).

³⁹ Entrevista de Humberto Mota Veiga ao autor, 2008, Seia.

Avelino Cunhal considerava o teatro «a mais imediata de todas as formas artísticas» por agir «directamente sobre o público» e fazê-lo «tomar consciência da sua condição social e da sua situação histórica».

Três das suas peças foram publicadas em 1965.

III CAPÍTULO

À FORÇA E A AUSTRERIDADE DA MÃE

O mundo familiar

A família Cunhal mudou-se para Lisboa em 1924. Viveram na Rua Pinheiro Chagas, onde nasceu Eugénia Cunhal, e depois mudaram-se para uma casa mais espaçosa na Avenida Grão Vasco, em Benfca, durante a fase terminal da doença de António Cunhal.

O risco de contágio provocado pela tuberculose e a necessidade de o manter junto ao núcleo familiar justificaram a mudança para uma casa com espaço suficiente para continuar a trabalhar nas artes plásticas e um jardim que garantia a necessária tranquilidade e repouso.

Após a morte de António Cunhal, a família regressou ao centro de Lisboa. Mudaram-se para a Avenida 5 de Outubro e depois para a Avenida Miguel Bombarda, onde Avelino Cunhal e a filha Eugénia seriam mais tarde presos pela PIDE.

Avelino continuou a escrever contos, críticas e peças de teatro e começou a dar aulas como professor de História no Colégio Valsassina. Voltou ao exercício da actividade de advogado na capital depois de ter participado na defesa de presos políticos durante os primeiros anos do Estado Novo no âmbito da comissão de juristas do Movimento de Unidade Democrática (MUD).

O filho reforçou o seu activismo político no PCP, mas continuou a apoiá-lo sem reservas. Envolveu-se no processo judicial e sofreu ele próprio a repressão da ditadura. A PVDE prendeu-o em 1945 e colocou agentes em sua casa na tentativa de montar uma armadilha a Álvaro Cunhal.

Mário Soares refere-se a Avelino Cunhal como «um príncipe da Renascença» e destaca o «encanto pessoal» e a vocação para as artes plásticas.⁴⁰

Álvaro Cunhal cita o pai como um «antifascista», «uma pessoa boa que também esteve presa, uma pessoa boa, que defendeu sei lá quantos presos políticos, e a mim próprio»⁴¹.

Refere-se à mãe em termos diferentes.

«[A minha mãe] e o meu pai eram pessoas de temperamentos muito

⁴⁰ Maria João Avillez, *Soares — Ditadura e Revolução* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1996).

⁴¹ Álvaro Cunhal, Escola Manuel da Fonseca, 8 de Maio de 1998, citado em: Carvalho, *Álvaro Cunhal...*

diferentes e com formas muito diversas de intervir na vida e de compreender a sociedade, mas constituíam um exemplo muito interessante como casal: estimavam-se e amavam-se o suficiente para terem tido uma vida familiar que eu considero bastante feliz.»⁴²

Cunhal manifesta a profunda admiração pelo pai e expõe sentimentos intimistas que depois retrai quando fala sobre a mãe.

«O meu pai foi um homem excepcional de carácter e de integridade e muito recebi dele no que respeita aos ensinamentos sobre o comportamento cívico e a maneira de respeitar os outros e de intervir socialmente sem ser com o meu interesse a determinar os meus actos.»⁴³

Eugénia Cunhal corrobora com entusiasmo.

«O nosso pai era uma pessoa extraordinária e tinha uma enorme bondade. Era um humanista, uma pessoa com preocupações cívicas. Ensinou-me sempre a olhar para fora, para o mundo que nos rodeava.»⁴⁴

Avelino Cunhal morreu a 19 de Fevereiro de 1966.

O filho ficou atravessado pelo desgosto de o pai ter morrido antes da libertação do 25 de Abril e pela amargura de estar exilado longe de Portugal nessa altura.

«O meu irmão passou uma noite inteira a chorar.»

O profundo pesar está expresso numa carta onde Álvaro Cunhal se aventura na revelação de emoções que, por regra, lhe são quase totalmente desconhecidas.

No dia 1 de Março de 1966, escreveu do exílio para a irmã Eugénia.⁴⁵ O documento expressa o profundo amor que Cunhal sente pela irmã, desde logo quando aborda directamente o suicídio do cunhado Fernando Medina.

«Que te posso dizer das lágrimas que chorei e choro, e de todas as razões delas, e das mil inquietações para que não tenho resposta?»⁴⁶

É a morte do pai que o devasta interiormente nesta carta.

As sucessivas prisões e os longos períodos de incomunicabilidade foram diluindo os laços físicos e o exílio na União Soviética após a fuga do Forte de Peniche cristalizou a dolorosa separação familiar.

«A grande distância, o não ter visto mais o Pai, o não ter podido dizer-lhe um último adeus e uma última palavra, são dores irreparáveis. Sofreste mais

⁴² Machado, Contumélias, *Conversas...*

⁴³ Machado, Contumélias, *Conversas...*

⁴⁴ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

⁴⁵ Para o estudo sobre o exílio no PCP, consultar: Adelino Cunha, *Os Filhos da Clandestinidade* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2016).

⁴⁶ «Carta de Álvaro Cunhal para a irmã, Moscovo, 1 de Março de 1966», Arquivo Pessoal Júlia Coutinho.

de perto, querida irmã, mas não isto. E o que ele terá sofrido. Esforçado e paciente decerto, mas decerto também inconformado e profundamente triste.»

Cunhal utiliza ao longo desta surpreendente missiva um tom invulgarmente emotivo para acomodar a dor e deixa-se levar pela fatalidade da perda.

Assume que o pai era a «pessoa que mais nos amava, que melhor nos compreendia e a quem devemos elevadas lições de honestidade e isenção pessoal».

Quando se refere à mãe, já cega e fisicamente debilitada, pede a Eugénia que fale em seu nome daquilo que entender, referindo-se à «nossa pobre mãe».

Incentiva a irmã recém-viúva a olhar para o «futuro!» com os filhos e tenta animá-la para encontrar forças e recomeçar a sua vida.

Despede-se no mesmo registo empenhado.

«Querida, muito querida irmã: um grande, grande abraço, aquele que gostaria de poder dar-te neste momento de profunda tristeza. Repito ainda: não desanimes, olha em frente, olha para a vida e confia.»

O funeral de Avelino realizou-se no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

O filho enviou uma coroa com cravos vermelhos e uma fita onde estava escrito «Saudades do seu filho Álvaro»⁴⁷. Os agentes policiais que vigiavam a cerimónia fúnebre viraram a inscrição ao contrário, mas os presentes decidiram colocar novamente visível a última mensagem de Cunhal para o seu pai.

Avelino Cunhal foi determinante na formação moral do filho, na sua consciência cívica e na descoberta das artes, nomeadamente a pintura, o desenho e a literatura.

«O ser humano que não sente a arte e que não sente também uma vontade de intervir de uma forma criativa é porque lhe falta qualquer coisa que ainda não despertou, que ainda não se revelou.»⁴⁸

O pai ajudou-o nessa descoberta.

A força disciplinadora

A MÃE DE ÁLVARO CUNHAL NASCEU EM 1888. É O ANO EM QUE EÇA DE Queiroz publica *Os Maias* e aparece o grupo Vencidos da Vida. São as vésperas da primeira comemoração em Portugal do 1.º de Maio de inspiração marxista e do humilhante Ultimato inglês. Portugal mergulha no lamento da

⁴⁷ Zita Seabra citada em: Pereira, *Álvaro Cunhal — «Daniel»...*

⁴⁸ Machado, Contumélias, *Conversas...*

ignomínia com extravagância literária e uma certa indisposição social que colide com os costumes.

Mercedes Barreirinhas tratava essencialmente das tarefas relacionadas com a gestão quotidiana da casa e com a educação dos quatro filhos que teve entre os seus 21 e 39 anos.

Impôs-se pela moral religiosa e pelo culto da disciplina.

«O Álvaro herdou a força da nossa mãe», refere Eugénia Cunhal. «Era uma mulher católica, mas muito inteligente e atenta ao mundo.» A capacidade de resistência da mãe complementou uma certa subversão intelectual e cívica do pai.

Avelino e Mercedes tiveram uma relação matrimonial harmoniosa. Coincidiram no projecto de família, ajudaram os filhos a desenvolver capacidades individuais e todos eles adquiriram os seus próprios traços de distinção cultural.

Mercedes discordava profundamente das actividades políticas do filho por considerar que Cunhal «podia ser o quisesse na vida» com as qualidades humanas e intelectuais que tinha. O envolvimento do filho nas actividades políticas ilegais colidiu sempre com o seu instinto protector e deixava clara a sua posição.

Cândida Ventura recorda que tinha de entrar pelas traseiras da casa da família Cunhal para respeitar a severidade de Mercedes.

«A mãe não gostava lá muito da maneira como eu me vestia», recorda. As roupas que fugiam aos padrões femininos da época e os «abotinados e o blusão emprestados» pelo irmão compunham uma imagem demasiado urbana e excêntrica para uma mentalidade forjada na serra. Cândida tentava ignorar as reservas de Mercedes ao relacionamento com o filho.

«Eu não me preocupava nada com as roupas da moda nem com aquilo que as pessoas pensavam ou deixavam de pensar.»⁴⁹

Para vincar a sua posição, a mãe de Cunhal impedia Cândida de usar a porta principal da casa e mandava a criada recebê-la pelas traseiras.

Uma situação que incomodava o marido.

«Era um homem muito simpático, um advogado de prestígio e um intelectual com vocação para as artes», afirma Cândida.

Mercedes nunca transigiu e impôs sempre a porta de serviço à amiga do filho.

«A mãe do Álvaro não gostava nada que ele se metesse na política e dava ordem à criada lá de casa para eu não entrar pela porta principal. Tinha de

⁴⁹ Entrevistas de Cândida Ventura ao autor, 2009/2010, Portimão e Lagos.

usar a porta de serviço. Por duas vezes, o pai do Álvaro, à minha vista, re-preendeu a mulher por não me deixar entrar pela porta principal por não ir bem vestida.»

Tinham-se conhecido pouco tempo depois de Cunhal ter sido preso pela primeira vez.

«Foi no ano seguinte à sua prisão, em 1938, que o conheci, numa das vezes que passei pela *Seara Nova*. Depois, encontrei-o várias vezes na redacção de *O Diabo*.»

Álvaro Cunhal tinha 25 anos e Cândida Ventura, 20.

Frequentava o primeiro ano na Faculdade de Letras de Lisboa e no ano seguinte entrou para o Partido.

«A minha adesão ao PCP foi um acto de fé», explica Cândida Ventura. «Para a minha geração, nascida para a vida política em 1936, tornar-se comunista significava ao mesmo tempo tornar-se adulto.»

A relação entre ambos foi-se inflamando nas emoções da luta política travada de braço dado em nome de uma sociedade que depois se revelou fantasista para Cândida.

«Éramos educados numa fé incondicional. Sentia-me completamente disposta a participar na luta do PCP. Sentia uma total abnegação.»

Cândida era uma atraente jovem intelectual que acreditava estoicamente no comunismo e participava no combate quotidiano do Partido. Cunhal começava a ascender na hierarquia do PCP e as pessoas em seu redor vibravam com o magnetismo de herói revolucionário.

Já tivera a rara oportunidade de visitar a União Soviética e no regresso de Moscovo envolvera-se na Guerra Civil de Espanha. Um universo que alimentava o imaginário de milhares de jovens comunistas.

«Com a tomada de Barcelona, sentimos que começava a agonia da República espanhola. Inevitavelmente, as nossas esperanças erguiam-se sobre as ruínas daquela derrota. Reforçam-se em mim todos aqueles ideais que eu alimentava e me alimentavam: na União Soviética estava a salvação de um mundo que, impotentes, víamos ruir», invoca Cândida Ventura.⁵⁰

As tarefas políticas de Cunhal como responsável pela ligação com a Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas e com o núcleo de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa exigiram um contacto entre ambos que se tornou cada vez mais cúmplice.

A ligação iniciada pelo exercício do controlo político manteve-se apesar da segunda prisão de Cunhal em 1940.

⁵⁰ Cândida Ventura, *O Socialismo que Eu Vivi* (Lisboa: O Jornal, 1984).

Depois de ter sido activista nas lutas académicas de 1937/39, Cândida participou na direcção das grandes manifestações e greves estudantis de 1941 e, já após o mergulho na clandestinidade, em 1943, ajudou a organizar as greves nacionais que começaram na Margem Sul do Tejo.

Em 1944, tornou-se na primeira mulher a exercer funções políticas no secretariado. Funções que exerceu directamente controlada por Cunhal até à sua partida clandestina para a Jugoslávia três anos mais tarde.

Cândida entregou-se aos ideais políticos do PCP e viveu dezassete anos na clandestinidade seguindo o exemplo recente de Cunhal. Mesmo depois de ter rompido interiormente com os seus ideais.

Perder um filho vivo

MERCEDES RECUSOU ACEITAR A ORDENAÇÃO DO FILHO NO PCP E O seu envolvimento orgânico numa luta política que provocava danos familiares. Não podia aceitar que Cunhal vivesse na clandestinidade, passasse fome e sofresse penosos sacrifícios físicos e mentais, fosse preso e torturado.

Já tinha perdido dois filhos ainda muito jovens, e o envolvimento de Cunhal no PCP representava em grande medida uma morte em vida.

Os instintos maternos de Mercedes nisso estavam correctos, mas não encontrou o antídoto para evitar que o filho mergulhasse, aos 22 anos, na clandestinidade.

Após a prisão de Bento Gonçalves, Cunhal ganhou um poder acrescido no PCP e suspendeu o curso universitário para desempenhar funções de funcionário do Partido. Teve de mudar progressivamente o comportamento quotidiano e afastar-se do núcleo familiar.

As ausências de casa tornaram-se cada vez mais frequentes na sua iniciação revolucionária.

Passou a aluno voluntário após reprovar o primeiro ano e a vida na universidade ganhou um carácter essencialmente político. As actividades subversivas do PCP contra o Estado Novo emprestavam um registo de perigo permanente.

Perigo de ser denunciado à polícia política.

Perigo de ver a sua casa assaltada.

Perigo de ser preso e torturado.

Perigo para os pais e para a jovem irmã.

O receio de ser surpreendido tornou-se constante à medida que

aprofundou a sua ligação ao comunismo, mas nunca impediu a continuidade das actividades políticas de jovem revolucionário.

Os contactos com a família tornaram-se espaçados.

Cunhal viajou clandestinamente para Moscovo pela primeira vez com 22 anos e pouco tempo depois envolveu-se na Guerra Civil de Espanha. A PVDE prendeu-o pela primeira vez em Junho de 1937 por distribuir propaganda pró-União Soviética nas ruas de Lisboa.

Mercedes visitou o filho no cárcere depois de este ter sido espancado, e levou para casa as roupas cheias de sangue para as lavar.

É o regresso a um certo instinto maternal que Cunhal comprometeu após a libertação ao regressar à clandestinidade, tendo sido novamente preso aos 27 anos.

A terceira e última prisão, aos 36 anos, provocou um abalo interior na mãe.

Mercedes recusou continuar a visitá-lo durante o período em que esteve preso na Penitenciária de Lisboa e nunca se deslocou ao Forte de Peniche.

Começou a desistir porque deixou de ter forças para assistir à perda de mais um filho.

A persistência colocada para o libertar após as duas primeiras detenções transformou-se em dor resignada quando Cunhal foi apanhado novamente pela PVDE e condenado a um período de isolamento que só iria terminar em 1960 com a sua fuga de Portugal e exílio em Moscovo.

Eugénia Cunhal entende o sofrimento da mãe.

Recusava aceitar que «um filho tão inteligente, que podia ser o que quisesse da vida, preferisse viver tão mal na clandestinidade, na prisão... Já o meu pai aceitava e compreendia perfeitamente, tanto que foi seu advogado e esteve sempre com ele.»⁵¹

Eugénia manteve sempre a ligação física e emocional com o irmão e manifestou-a ao longo de toda a vida e em todas as circunstâncias.

«Se o meu pai tinha compreensão pela vida que ele escolhera, já a minha mãe não a tinha. Por isso, sempre tentei, dentro daquilo que era possível suprir essa falha, porque era uma família a quem ele tinha muito amor. Havia no Álvaro um profundo amor pela família.»

A última prisão de Cunhal revelou-se longa e dolorosa para a família e fortemente penalizadora para a acção do Partido.

Cunhal tornou-se necessariamente num estranho depois de se ter afastado do quotidiano familiar para mergulhar nas vidas sem nome.

⁵¹ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

A mãe teve de se resignar. Cedeu ao cansaço e à desilusão.

O pai continuou a visitá-lo na prisão até ser transferido para o Forte de Peniche.

Avelino Cunhal ainda o defendeu juridicamente duas vezes perante o tribunal militar e numa terceira ocasião no tribunal plenário.

«Foi o único advogado que eu quis ter, nunca quis ter outro», dirá Álvaro Cunhal.⁵²

Existiu sempre afecto e cumplicidade entre pai e filho.

«Quando o Álvaro estava preso, o meu pai explicava-me porque é que ele estava nessa situação», recorda Eugénia.⁵³

A relação de Cunhal com a mãe ficou marcada por uma certa incompreensão, mas abandonar o PCP para satisfazer os seus desejos correspondia à despersonalização.

Continuar a luta política, pelo contrário, acelerou as aptidões de Cunhal como líder por força de uma certa privação afectiva.

Reconhecia a «força» da mãe e a sua ajuda em alguns dos «momentos difíceis» da sua vida. A força de uma mulher «voluntariosa, profundamente crente, católica, mas que, como mulher possuidora de uma vontade muito forte, me auxiliou muito em momentos da minha vida»⁵⁴.

A dureza de personalidade de Mercedes vincou-se com a morte prematura de dois filhos e a sua religiosidade sofreu um forte abalo, nomeadamente após a morte de Maria Mansueta.

«Acompanhei a minha mãe à missa até aos 14 anos e não me lembro de vê-la comungar ou confessar-se», revela Eugénia Cunhal.⁵⁵

A luta de Cunhal em defesa da revolução popular violenta e da queda do governo por via de uma insurreição armada tornou-se necessariamente numa ruptura física e emocional.

«Posso dizer que para mim a vida com a minha família de origem, pai, mãe, irmãos, uma avó, terminou aos 20 anos», dirá mais tarde Cunhal.⁵⁶

A morte e a vida na família Cunhal

AS MORTES DE ANTÓNIO JOSÉ, COM 24 ANOS, E DE MARIA MANSUETA, COM apenas sete, deixaram marcas profundas na família de Avelino e Mercedes.

⁵² Pires, *Cinco Conversas...*

⁵³ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

⁵⁴ Machado, Contumélias, *Conversas...*

⁵⁵ Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

⁵⁶ Pires, *Cinco Conversas...*

Álvaro Cunhal tinha cinco anos quando a irmã morreu.

«Durante alguns anos praticamente inutilizou a vida da minha mãe pela dor de tal perda. Também, neste mesmo período, a vida foi muito complicada, muito difícil.»⁵⁷

António José, três anos mais velho que Cunhal, morreu com tuberculose e gangrena pulmonar em 1933.

Teve uma vida intensa ligada ao cinema experimental, dirigiu com sucesso uma greve dos liceus de Lisboa, o que lhe valeu a expulsão temporária, aventurou-se em África, regressou à metrópole, apresentou uma exposição e realizou um filme de elevada dificuldade técnica.

A Lenda de Miragaia representa o auge da sua curta vida artística. Trata-se de uma animação que recorre às silhuetas animadas, sendo o único filme português conhecido a utilizar a técnica neste período. António Cunhal e Raul Faria ponderaram usar a «Nau Catrineta» como argumento, mas optaram pelo «Romanceiro» de Almeida Garrett por ser «mais belo».

Os autores utilizaram os métodos pioneiros da primeira longa-metragem de animação do cinema europeu, *As Aventuras do Príncipe Achmed*, de Lotte Reiniger. Numa entrevista concedida em Março de 1930 à publicação *Cinéfilo*, confessaram o entusiasmo pela nova técnica.⁵⁸

«Nada há escrito sobre o assunto. Nada há que nos sirva de guia.» Conheciam a obra de Lotte Reiniger e sabiam que o seu trabalho tinha contado com a ajuda de inúmeros desenhadores e de auxiliares para recortar as figuras.

«Nós acumulamos todas essas funções. Somos os dirigentes e os operários, simultaneamente.»

António Cunhal assumia-se como um artista modernista e encontrou na absoluta originalidade da técnica das silhuetas uma motivação acrescida.

Apesar de ficar aquém da qualidade técnica do trabalho da realizadora alemã, autora de uma obra significativa nos anos 20 e 30, o filme português consegue distinguir-se pela qualidade estética e pelo papel inovador nesta área.

O trabalho cinematográfico de António Cunhal e Raul Faria da Fonseca foi produzido pela Ulyssea Film e estreou publicamente em Junho de 1931.

A obra baseia-se nas lutas lendárias entre o rei Ramiro e um monarca mouro.

Os autores portugueses seguem também aqui o exemplo da realizadora alemã, que recorreu aos contos populares de carácter histórico, embora não tenham visto nenhum dos seus trabalhos antes de produzirem a sua obra.

A singularidade técnica baseia-se na importação para o cinema das

⁵⁷ Pires, *Cinco Conversas...*

⁵⁸ *Cinéfilo*, n.º 80, 1 de Março de 1930.

«sombras chinesas», ou seja, as personagens e os cenários eram desenhados em papel e posteriormente recortados e montados em cartolina para permitir a sua movimentação.

Uma técnica que Álvaro Cunhal também usou nas brincadeiras com outras crianças em Seia para simular espectáculos de teatro.

A parceria de António e Raul resultou do «entusiasmo» que partilharam quando tiveram a «ideia-relâmpago» de fazer um filme deste género absolutamente novo em Portugal.

«Cheio de dificuldades, eriçado de espinhos; — estimulantes necessários para querermos o triunfo», dizem na entrevista conjunta.

O facto de existirem poucas referências sobre os filmes alemães de silhuetas animadas obrigou os artistas portugueses a criarem técnicas especiais para criar fundos com revelo e tonalidades que variavam entre o negro perfeito e o banco puro.

«Este problema técnico foi sem dúvida o mais difícil que até hoje encontramos.»

António acrescenta o detalhe do trote dos cavalos que demoravam apenas alguns segundos na tela.

«Fazer trotar um cavaleiro de papel é muito mais difícil que ensinar um cavalo verdadeiro a fazer habilidades de circo.»

A técnica exigia um estudo aprofundado e um paciente trabalho de aperfeiçoamento.

A filmagem do filme *A Lenda de Miragaia* foi feita em câmara escura. Fotografia após fotografia, até chegar às 24 800, o que resultou numa película de filme com 400 metros de comprimento.

António Cunhal pretendia realizar muitos outros filmes com a mesma técnica, tendo por base o aperfeiçoamento do primeiro trabalho.

«Pensámos em realizar uma série de filmes análogos, em que possamos emendar todos os defeitos deste, caminhando para o ideal de perfeição que ambicionamos.»

A morte impediu a concretização do projecto e deixou incompleto o manuscrito que iniciara: «Das dificuldades de realização de um filme de sombras animadas.»

A maninha

EM 1927, SEIS ANOS APÓS A MORTE DE MARIA MANSUETA, NASCEU MARIA Eugénia.

«Houve uma certa animação dessa vida muito triste, com o nascimento da minha irmã mais nova do que eu catorze anos», reconhece Álvaro Cunhal.⁵⁹

Tal como o pai e os irmãos, Eugénia revelou vocação para as artes e letras. Publicou vários livros de poesia (*Silêncio de Vidro*, *As Mãos e os Gestos* e *História de um Condenado à Morte*). O filho, Miguel Medina, revelou igual talento para a literatura e publicou um romance premiado. *Além do Mar* (Bertrand, 1994) apresenta uma «interpretação original e emocionante» da viagem de Vasco da Gama para a Índia. Este sobrinho de Cunhal participou nas eleições de 1969, organizou manifestações contra a guerra colonial na Bélgica e na Holanda e exilou-se na Checoslováquia até ao 25 de Abril.

Eugénia revelou-se um apoio fundamental para o irmão durante a sua luta clandestina. Um porto de abrigo. Ajudou-o materialmente de várias formas e chegou a ser presa pela PIDE quando tinha 18 anos.

Cunhal tratava-a quase sempre como «maninha».

Sofia Ferreira, testemunha da terceira detenção de Cunhal e co-arguida no mesmo processo, recorda que Cunhal falava frequentemente sobre a irmã enquanto estiveram escondidos numa casa de apoio no Luso.

«Contava-me muitas coisas sobre ela e tinha pena que a mãe não fosse, como o pai, concordante com as suas ideias.»⁶⁰



Sofia Ferreira foi presa na casa onde vivia na clandestinidade com Álvaro Cunhal, no Luso, em 1949. (Arquivo pessoal do autor)

⁵⁹ Pires, *Cinco Conversas...*

⁶⁰ Entrevista de Sofia Ferreira ao autor, 2009, Lisboa.

Escrevia-lhe cartas com alguma frequência, mas as regras conspirativas impediam os encontros pessoais.

«A preocupação com o Partido, a defesa do Partido, a organização do Partido, alargar o Partido, sempre com a certeza de que era o Partido do futuro, essa era a principal preocupação», recorda Sofia Ferreira.

Eugénia tinha dez anos quando visitou o irmão pela primeira vez na prisão.

Cunhal avisara-a previamente de que podia ser detido a qualquer momento.

«Disse-me que se isso acontecesse eu devia ser muito carinhosa com os nossos pais.»

Chegou a dizer-lhe que, quando deixasse de ver a sua gabardina pendurada em casa, isso significaria que não teria dormido lá, ou seja, que muito provavelmente estaria preso nos calabouços da polícia política.

«Houve uma manhã em que acordei e ele não estava lá.»

Foi na segunda prisão de Cunhal, quando viviam na Avenida Miguel Bombarda.

«Ele não estava lá! O que é que eu faço? Os meus pais ainda estavam a dormir, fui ao quarto do Álvaro, vi uns papéis que se calhar nem seriam os mais comprometedores e, na minha ingenuidade de criança, escondi-os atrás dos quadros. Quando a polícia veio não os descobriu.»⁶¹ Alguns dos documentos foram escondidos por detrás dos quadros pendurados nas paredes da casa, incluindo o trabalho que Cunhal estava a escrever sobre o aborto e que resultou na sua tese. «A PIDE quando lá chegou não apanhou nada!»

As décadas de clandestinidade nunca os afastaram sentimentalmente. Eugénia casou-se e teve quatro filhos. O marido suicidou-se quando um deles era ainda bebé e o mais velho tinha 14 anos.

Após o 25 de Abril, tornaram-se frequentes as visitas de Cunhal a sua casa, em Lisboa, considerada morada oficiosa do líder do PCP para efeitos legais.

«Estava cá o tempo que podia, bebia um chocolate, uma coisa qualquer, e conversava... Trazia sempre aquela carteira debaixo do braço.» Não se demorava na Rua Sousa Martins por achar que os camaradas do Partido estariam demasiado tempo à sua espera.

Eugénia reconhece a importância do irmão na sua formação e compara-o ao pai.

«Era um homem extraordinário, de uma tolerância e humildade incríveis, mas também o Álvaro o era desde os meus tempos de muito pequena.»

⁶¹ João Céu e Silva, *Álvaro Cunhal e as Mulheres que Tomaram Partido* (Lisboa: Edições ASA, 2006).

O mergulho de Cunhal na clandestinidade não alterou a essência da relação com a jovem irmã. A constante manifestação do seu afecto não podia compensar o amor maternal, mas constituiu-se como um apoio incondicional ao irmão em todos os momentos, e em especial nas ausências.

«Dá aos pais aquilo que eu não pude dar», repetia à irmã.

Cunhal fala em mais do que ausências físicas.

A clandestinidade implicava períodos de solidão aguda. A fome, o esgotamento físico e a ausência de um lar provocavam inevitáveis danos emocionais entre os funcionários forçados a abdicar dos laços familiares.

Cunhal tentou compensar esse vazio através do trabalho intelectual e das frequentes cartas para a irmã e para os pais.

Partilhou com o pai algumas revelações da sua vida amorosa e manteve contacto regular com a irmã.

«Desde muito pequena que tenho cartas dele, dos cinco, seis anos de idade e dos tempos da clandestinidade. Pilhas de correspondência, porque ele era extremamente preocupado com a família, mantendo sempre uma relação muito profunda comigo — com o pai, que foi o advogado dele e que era um homem extraordinário — e essa relação permaneceu sempre muito profunda ao longo da vida.»

Eugénia recorda que mesmo os anos de separação não tiveram influência na proximidade entre ambos. A força da ligação estava na «capacidade que o Álvaro tem de dar muito amor e muita ternura como sempre me deu desde miúda. Acho que não há muitos irmãos que tenham assim umas mãos tão ligadas como nós.»

A JUVENTUDE DE ÁLVARO CUNHAL

A infância em Seia e a adolescência em Lisboa

Avelino Cunhal e a família mudaram-se de Coimbra para uma casa de imponência senhorial no centro de Seia. O edifício tinha vários pisos amplos, um vasto anexo envidraçado com vista para a estrada principal e inúmeros quartos e salas.

Já não existem vestígios da estrutura original, mas uma fotografia da época guardada pela família mostra a significativa dimensão da casa e o estatuto social que projectava numa pequena vila do interior.

Eugénia Cunhal recorda-se das duas empregadas que trabalhavam para a família.

«Tinham folgas de quinze em quinze dias e andavam de fardas pretas.»

Álvaro Cunhal tinha três anos quando se mudou para Seia.

Teve uma «infância alegre e feliz» e entre as memórias tardias guardou a imagem da avó com mais de 90 anos.

«Era muito bonita, tinha uma pele branquinha, lisinha, olhos azuis, uma velhinha mesmo gira e muito desembaraçada, ainda queria sair sozinha e mexer nas ruas. Eu brincava muito com ela.»⁶²

As crianças serranas recorriam à imaginação e ao engenho manual para ocuparem os tempos livres. Construíam campos de futebol em tábuas e Cunhal participava nas brincadeiras colectivas com a sua criatividade artística, desenhando os respectivos jogadores em bocados de papel devidamente trajados com as cores dos seus clubes.

Inventavam «espectáculos de cinema» através de projecção de sombras numa tela de papel esticado num caixilho, recorrendo à técnica que também atraiu o irmão de Cunhal.

Organizavam brincadeiras de concursos hípicas. As caixas de fósforos serviam de obstáculos que eram superados pelos botões mais pequenos, os «cavalos», com o impulso de um botão maior pressionado no seu rebordo.

«Cada uma das crianças tinha o seu cavalo, o cavalo branco, o cavalo castanho, segundo a cor do botão», recorda Cunhal.

⁶² Pires, *Cinco Conversas...*

As origens familiares burguesas, a infância protegida em Seia e a adolescência confortável em Lisboa impediram que Cunhal se apresentasse no PCP com as credenciais de classe de outros dirigentes históricos como Joaquim Pires Jorge.

«Nunca fui menino. Nunca tive brinquedos. Tive uma infância muito dura e a passar muito mal. A minha mãe mandava-me buscar barbatanas de bacalhau para fazer açorda para o gato. Era mas era para fazer sopa para nós.»⁶³

Cunhal era um jovem intelectual oriundo de uma linhagem burguesa e que só na universidade descobriu um PCP forjado na luta dos operários.

Não enfrentou problemas financeiros na infância e na adolescência para depois creditar na sua tomada de consciência política.

A fome só apertou quando se entregou ao Partido.

«Passei muita fome e muitas dificuldades. De uma forma geral habituei-me a gostar de comeres muito modestos.»⁶⁴

A integração no quotidiano da vida serrana revelou uma inesperada dificuldade: a total incapacidade de Cunhal para se adaptar aos métodos escolares praticados na escola primária de Seia.

Logo após a experiência do primeiro dia, recusou voltar às aulas devido à violência dos professores.

A agressividade utilizada sobre os alunos justificou a rejeição instintiva deste ambiente escolar repressivo e violento. Avelino Cunhal compreendeu os receios manifestados pelo filho e decidiu educá-lo em casa contra o espartilho da obediência que imperava na escola da aldeia. O edifício, tal como a casa onde a família Cunhal viveu durante quase uma década em Seia, já não existe.

Entre as reminiscências da serra, ficou um episódio igualmente marcante que Cunhal só irá confessar à sua interlocutora russa nas *Hastes sem Bandeiras*.

É uma lembrança muito forte.

Tinha cinco anos e estava com os amigos a alvejar andorinhas quando empunhou «rápido» a sua fisga e apostou com outro «pequeno diabo», como ele, umas quantas moedas como «também acertava».

Cunhal usou uma fisga feita por um tio caçador e acertou em cheio no pássaro.

Matou a andorinha e correu a contar a proeza ao pai.

Seguiu-se uma dura reprimenda moralista que o marcou para o resto da vida.

⁶³ Joaquim Pires Jorge, *Com Uma Imensa Alegria* (Lisboa: Edições Avante!, 1984).

⁶⁴ Pires, *Cinco Conversas...*

«Às vezes, para viver, os homens necessitam de fazer mal. Mas quanto menos se faz isso, melhor. Esta tua façanha não é nenhuma vitória», sentencia Avelino.⁶⁵

Não deixa de ser significativo que um episódio ocorrido quando tinha apenas cinco anos esteja tão presente algumas décadas depois. Cunhal cita as exactas palavras reprovadoras do pai e encara a morte do pássaro como um pecado venial cometido precisamente no ano do seu baptismo católico.

A relação com o catolicismo mereceu várias interpretações ao longo da vida e as suas declarações evoluíram igualmente à medida em que se transformou como homem político.

Num artigo publicado no jornal *O Diabo* em Março de 1939, intitulado «Um problema de consciência», fala sobre a morte como um «elemento essencial da vida» para dizer que «além da história, ninguém nos pedirá contas».

«Enquanto a humanidade for humanidade, as acções que hoje praticamos estarão sempre presentes, resistindo ao tempo e ao esquecimento a que nos votarão os nossos netos.»

Em 1940, com 27 anos e já em plena actividade política, escreveu no jornal um artigo que ainda conserva alguns gérmes da sua vivência interior.

«O homem procurou fora do mundo um ser superior e encontrou uma pálida imagem de si mesmo. O homem deu uma forma de inumana humanidade às forças naturais que o esmagavam com o seu mistério. Atirou assim Deus para o campo do desconhecido. Mas o mundo encheu-se e impregnou-se de crença. E muitos homens quedaram na ignorância de que Deus era obra sua.»

Logo após o 25 de Abril fez questão em afirmar que «ser católico não significa estar com o governo ou contra ele» e clarificou, como líder dos comunistas, que «a massa católica não é, nem nunca foi fascista»⁶⁶. Assume-se como «respeitador dos crentes» e confessa que um dos livros que pediu quando estava na Penitenciária de Lisboa foi a Bíblia.

«Até esse me foi negado.»⁶⁷

Vinte anos depois será mais claro.

«Eu não tenho religião, não acredito em Deus, nem tenho nada contra quem acredita, mas o que eu não compreendo é que a crença num ser superior dê origem a tanta coisa má e a tantos maus sentimentos, quando deve ser precisamente o contrário.»⁶⁸

⁶⁵ Yulia Petrova, *Hastes sem Bandeiras*, em: Francisco Ferreira (Chico da CUF), *Álvaro Cunhal — Herói Soviético* (edição de autor: 1976).

⁶⁶ Álvaro Cunhal, *A Revolução Portuguesa* (Lisboa: Edições Avante!, 1976).

⁶⁷ *Diário de Notícias*, 8 de Maio de 1995.

⁶⁸ Machado, Contumélias, *Conversas...*

Cunhal revela já no final da vida ser um homem de convicções, mas sem fé. Não tem fé porque ter fé implica acreditar em «qualquer coisa» que não está objectivamente provada.

«Eu não tenho fé. Tenho convicção, que é uma coisa muito diferente. A convicção não seria convicção — e seria fé — se não houvesse espaço para as dúvidas.»⁶⁹

Ensaia, por fim, uma justificação política para a rejeição de Deus. «Se se propaga que o destino do homem é traçado por Deus e se implora a Deus a solução dos problemas que afligem a humanidade, se se apregoa a resignação, isso leva à descrença e à apatia.»⁷⁰

A «libertação» do catolicismo parece ficar arrumada.

O mentor de Álvaro Cunhal

AUGUSTO MACHADO FALHOU A REORGANIZAÇÃO DO PCP EM 1927 E A ilegalização decretada pela ditadura paralisou as actividades partidárias quotidianas. O esgotamento do modelo voluntarista dos revolucionários sindicalistas exigiu uma nova geração de comunistas.

Foi Bento Gonçalves, mentor de Álvaro Cunhal, quem assumiu a responsabilidade de retirar o PCP da crise profunda em que mergulhara e construiu os primeiros alicerces organizacionais e ideológicos de uma nova oposição à ditadura militar.

O Revivalho falhara em toda a linha no combate contra o regime saído do golpe de 1926.⁷¹

O programa político inspirado por António Sérgio com base na imediata restituição das liberdades e no regresso à «República Democrática» fracassara com estrondo.

Primeiro, foi o golpe militar ensaiado no Porto em 1927 e tardiamente seguido em Lisboa. O afrontamento terminou com a rendição e posterior deportação dos líderes militares sublevados. A capacidade de influência foi-se esboroando à medida que os seus líderes foram capturados e deportados para as ilhas atlânticas.

Depois, os revivalhistas ainda se aventuraram numa desesperada acção em finais de 1931, mas a tentativa de proclamar na Madeira um «Estado revolucionário» revelou-se igualmente infeliz.

⁶⁹ *Público*, 17 de Abril de 1996.

⁷⁰ Machado, Contumélias, *Conversas...*

⁷¹ A. H. de Oliveira Marques, *A Unidade da Oposição à Ditadura 1928-1931* (Lisboa: Publicações Europa-América, 1976).

Os reviralhistas deportados pretendiam provocar uma revolta em Lisboa e no Porto, mas a reacção enérgica das forças leais ao governo esmagou as unidades insurrectas e enterrou o movimento reviralhista.

Bento Gonçalves ascendeu a secretário-geral do PCP em Abril de 1929, no seguimento de uma conferência convocada por Manuel Pilar, e que reunira somente 40 militantes.

Sabia que os reviralhistas se tinham transformado num produto ideológico datado, incapaz de estabelecer as necessárias alianças entre as forças oposicionistas.

O Revirvalho estava fatalmente descredibilizado junto das massas trabalhadoras.

A inacção favorecia a consolidação do regime ditatorial e Bento acusava os chefes republicanos e os anarquistas de defenderem a «passividade» esperando que a revolução «caísse do céu».

A derrota dos reviralhistas representou uma oportunidade para o PCP assumir um papel político mais significativo, mas primeiro havia que consolidar a ideologia antes de passar à mobilização do proletariado.

Bento Gonçalves conhecia profundamente o mundo sindical. Começou a trabalhar aos 13 anos numa oficina de Lisboa e com 17 passou para o Arsenal da Marinha na categoria de aprendiz de torneiro mecânico. Iniciou os estudos nocturnos na escola industrial Afonso Domingues, cumpriu o serviço militar e a partir de 1922 envolveu-se nas actividades sindicais.⁷²

A carreira operária construída no Arsenal da Marinha será a base a partir da qual lançará a reorganização do movimento sindical.

Os seus métodos de intervenção política resultaram em grande medida da experiência que recolheu nas visitas que efectuou a algumas fábricas durante uma ida à União Soviética em 1927.

As comemorações do 10.º aniversário da Revolução Russa contaram com a presença de mais de 900 delegados em representação de 43 países, tendo intervindo neste Congresso dos Amigos da União Soviética os mais importantes dirigentes comunistas do momento.

Bento regressou de Moscovo a considerar a União Soviética como «o único país do mundo onde o proletariado soube cumprir o seu dever, lutando, mais do que para o seu próprio benefício, para o benefício de toda a humanidade» e o «único país onde as aspirações da classe operária quase se acham satisfeitas e todas as comodidades são colocadas à sua disposição».

⁷² Bento Gonçalves, *Os Comunistas* (Porto: A Opinião, 1976); Bento Gonçalves — *Uma vida. Um combate*, José Enes Gonçalves (org.) (Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 2000); Bento Gonçalves — *Inéditos e testemunhos*, Alberto Vilaça (coord.) (Lisboa: Edições Avante!, 2003).

Este fascínio pela União Soviética passará para Cunhal e o próprio terá oportunidade de se deslumbrar quando uns anos mais tarde visitar a Pátria do Socialismo com Bento Gonçalves.⁷³

O mentor de Cunhal assumiu como tarefas imediatas no PCP a reorganização das estruturas sindicais para neutralizar os anarco-sindicalistas e a redefinição dos objectivos estratégicos da acção partidária assentes num novo modelo de partido.

Começou por enfrentar a poderosa CGT através de uma cisão no movimento sindical que levou ao surgimento da Comissão Inter-Sindical (CIS).

A CIS filiou-se na Internacional Sindical Vermelha e tornou-se no principal adversário da CGT, de onde tinha saído a primeira geração de dirigentes do PCP.

Bento relata na União Soviética que a CIS conseguiu entrar em profundidade nas zonas de influência dos anarquistas e conquistar uma parcela muito significativa de simpatizantes e activistas.

A reorganização no PCP revelou-se mais difícil e o desastre de 18 de Janeiro de 1934 colocou essas fragilidades em evidência.⁷⁴

Um viveiro de comunistas

BENTO GONÇALVES REORGANIZOU O SINDICATO DO PESSOAL DO ARSENAL da Marinha e fundou uma célula comunista que serviu de base à organização do PCP. O arsenal transformou-se na principal maternidade dos novos comunistas que substituíram os anarquistas e os maximalistas nesta nova fase.

A proximidade geográfica com o quartel da Marinha favoreceu o contacto com os militares e permitiu forjar uma aliança com os operários que correspondia à substância ideológica que Bento injectou no PCP.

As ligações umbilicais com a Marinha tornaram-se genéticas. Os marinheiros começaram por ser facilmente «recrutados» devido ao seu baixo estatuto social e às prolongadas ausências de Lisboa. Era preciso primeiro

⁷³ A expressão «Pátria do Socialismo» será oportunamente utilizada pelo *Avante!* quando anunciar o início do exílio de Álvaro Cunhal na União Soviética, em 1961: «Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, encontra-se na União Soviética, na pátria do socialismo, no país que marcha triunfalmente para o Comunismo», cf. «Álvaro Cunhal encontra-se na União Soviética», *Avante!*, n.º 306, Quinzena de Setembro de 1961.

⁷⁴ O 18 de Janeiro de 1934 marca uma etapa no processo de formação do movimento operário português e aprofundou o afastamento do PCP das suas raízes anarco-sindicalistas e o centramento nas acções de massas. Bento Gonçalves acusou os anarquistas de terem comprometido as greves gerais com as suas acções de «carácter terrorista» e implementou uma viragem final na autonomização dos comunistas nas actividades sindicais vinculadas aos princípios ideológicos da União Soviética.

educá-los na doutrina comunista e só depois incentivá-los na luta pelos seus direitos. As energias começam a ser canalizadas para a criação da Organização Revolucionária da Armada (ORA). A primeira organização militar comunista nasceu do enquadramento da luta contra as péssimas condições de trabalho a bordo dos navios de guerra e contra as reduzidas remunerações, ao que se somava a prepotência de classe dos oficiais.

Os levantamentos de rancho tornaram-se cada vez mais frequentes e, numa das paradas comemorativas do 28 de Maio de 1926, as guarnições do *Bartolomeu Dias* e do *Dão* recusaram tirar o panamá e dar «vivas» quando passaram diante da tribuna de honra.

Sente-se a iminência da revolta.

As forças que o PCP ajudara a libertar preparavam-se para explodir, mas desenquadradas do objectivo concreto de derrubar o regime através de uma insurreição armada.

Em Setembro de 1936, o PCP perdeu o controlo da situação e a ORA desencadeou um golpe intempestivo.

As tripulações dos navios *Afonso de Albuquerque* e *Dão* precipitaram-se contra as tentativas do governo em dismantelar a organização, através da dispersão dos seus membros por vários navios e afastando outros em definitivo.

Cunhal refere que «o governo apercebeu-se disso (aliás, os camaradas, como tinham muita força, também tinham pouca prudência) e começaram as transferências».

O marinheiro José Barata explica que o objectivo da revolta estava centrado na luta pela «reintegração» de quase duas dezenas de efectivos que tinham sido excluídos da Marinha.

José Romão acrescenta que pretendiam fazer essa exigência depois de tomar os navios, sair da barra, «mandar umas tantas granadas contra a Assembleia Nacional e exigir por rádio a reintegração dos nossos camaradas».

Os marinheiros mais radicais já tinham anteriormente discutido um plano para «apanhar o governo» a bordo do *Afonso de Albuquerque*, na tradicional parada naval em Cascais.

«Isto pode parecer anedota, mas não é apenas anedota. Isto surgiu na cabeça de alguns camaradas», garante Cunhal.

O PCP revelou-se incapaz de sustentar o ímpeto descoordenado dos marinheiros da ORA.

O golpe fracassou devido à falta de preparação dos intervenientes e ao conhecimento prévio da polícia, que procedeu a diversas acções preventivas de sabotagem. Os navios ficaram imobilizados no Tejo e tornaram-se alvo do fogo de artilharia de costa.

A ordem era para bombardear os insurrectos até se renderem ou os navios serem afundados.

A operação voluntarista teve consequências fatais na ORA.

A revolta foi sufocada com violência, os marinheiros viram-se detidos e desterrados para o Tarrafal e o PCP perdeu irreversivelmente o seu braço armado.

Um adolescente normal

ALVARO CUNHAL TINHA 11 ANOS QUANDO OS PAIS SE MUDARAM COM A família para Lisboa, em 1924, após a morte da filha Maria. Cunhal teve de se submeter a um exame de admissão no Liceu Pedro Nunes para reiniciar os estudos.

A vida na capital será «alegre».

Estudou o suficiente para ir passando de ano, mas nesta fase não atingiu notas escolares que o distinguissem dos restantes alunos.

Os resultados de avaliação obtidos durante o percurso no liceu estão longe de antecipar o seu brilhantismo intelectual.

«Era irregular», reconhece.⁷⁵

«Era um aluno médio, com muitas faltas e aproveitamento diferente segundo as disciplinas, [mas] não vejo o meu estudo pelas minhas cadernetas escolares.»

A passagem das tranquilas e proveitosas lições familiares em Seia para as salas de aulas cheias de alunos de um grande liceu de Lisboa exigiu a necessária adaptação de um pré-adolescente.

Cunhal conseguiu fazê-lo sem sobressaltos e a vida mundana na capital abriu um mundo novo.

«Às vezes gostava mais de jogar futebol do que ir para uma aula aborrecida, em que nada se aprendia. Nunca fui tal marrão, não era o meu estilo.»

Transferiu-se para o Liceu Camões em 1929.

A influência artística do pai começa a manifestar-se nesta altura de transição entre o liceu e a universidade, onde irá depois descobrir o PCP.

Jogava futebol com os amigos na posição de ponta-direita e começou a colaborar em publicações infantis com contos e desenhos. Jogava xadrez, damas e cartas e praticava atletismo.

A partir dos 15 anos, Cunhal começou a treinar provas de velocidade, meio-fundo, salto em comprimento, salto em altura, triplo salto, lançamento do disco, lançamento de peso e lançamento de dardo.

⁷⁵ Pires, *Cinco Conversas...*

Esquivou-se apenas ao lançamento do martelo.

«Eu era muito magrinho, tentei uma vez, segundo as regras, dei a volta, e ia indo pelos ares atrás do martelo», ironiza.

O esforço físico dos treinos diários no clube de atletismo teve a sua utilidade quando se iniciou na clandestinidade política.

«Estou convencido de que o desporto e a ginástica me deram bastante capacidade de resistência.»

A vida de funcionário obrigava a percorrer milhares de quilómetros de bicicleta para contactar os responsáveis pelas ligações do Partido. Percorrer vastas distâncias a pé, sujeito à chuva e ao frio, de dia e de noite, por montes e vales.

«Ciclismo foi mesmo devido à vida clandestina, não era propriamente praticar desporto.»

A personagem «Vaz», um provável alter-ego de Cunhal do livro *Até Amanhã, Camaradas*, é frequentemente citado como o «homem da bicicleta». A fusão perfeita entre o homem e a máquina.

A aproximação e adesão ao PCP

ALVARO CUNHAL TERMINOU O CURSO LICEAL COM MÉDIA DE 13 VALORES e em 1931 entrou para a Universidade de Lisboa. Tinha acabado de completar 18 anos e cruza-se finalmente com o comunismo.

A adesão ao PCP foi como uma ordenação.

«A minha opção já estava feita e quando entrei na Faculdade [de Direito] procurei os comunistas para me filiar no Partido.»⁷⁶

O contacto surgira gradualmente através dos livros e dos jornais. «As leituras começaram a trazer-me notícia da Revolução Russa, da luta dos comunistas e do marxismo, comecei a ter uns livros à mão a esse respeito, um pai muito respeitador, homem de espírito aberto e democrático, e portanto foi fácil.»

É esta capacidade da subversão intelectual e de sobressalto cívico de Avelino Cunhal que abre as portas do comunismo ao filho.

Salazar já iniciara a sua carreira despótica no Ministério das Finanças, e Estaline executava a sangrenta colectivização dos campos russos, provocando uma vaga de deportados entre uma classe marcada de agricultores: os *kulaks*.

Sucederam-se as revoltas nos campos russos, as deslocalizações de famílias inteiras para regiões inóspitas com o falso pretexto da urgência de serem

⁷⁶ Machado, Contumélias, *Conversas...*

«colonizadas» e o bloqueio das cidades para impedir as populações de regressarem nos seus caminhos.

Uma política executada à custa de sucessivos esmagamentos sangrentos diante das tentativas de insubmissão.

Além das vítimas directas, o terror da *deskulaquização* estalinista contribuiu directamente para a Grande Fome de 1932-1933.

Um fenómeno dramático que gerou episódios de canibalismo entre os Russos.

Este mundo distante demorou a chegar ao PCP. Desde logo porque os dirigentes internacionais que visitavam a União Soviética eram condicionados por um manipulador programa de visitas assépticas.

Os Soviéticos mostravam somente o que queriam que fosse visto.

A primeira visita de Cunhal em 1935, com Bento Gonçalves, passou necessariamente longe da realidade do estalinismo.

«Ele chegou encantado de Moscovo. Não tinha razão para desconfiar de nada do que se passava», justifica Cândida Ventura.⁷⁷

«Nessa primeira vez, entre os altos dirigentes, só conheceu Suslov e só conseguiu ver a União Soviética que mostravam para propaganda, as visitas guiadas ao mausoléu onde estava o corpo de Lenine e alguns eventos sociais», recorda, depois de ter estado com Cunhal logo após o seu regresso de Moscovo.

A data oficial da sua adesão ao PCP sugere algumas divergências, mas a sedução começou na Universidade de Lisboa no início dos anos 30.

Teve como principal referência política Bento Gonçalves. Um típico autodidacta comunista.

«Os nossos encontros eram em passeio pelas ruas de Lisboa, íamos também pelas azinhagas, andávamos e conversávamos.»⁷⁸

A relação adquiriu características de mestre/aluno.

«Por vezes colocava um problema, o que é que tu pensas sobre isto ou sobre aquilo, era para me ouvir e para me ajudar e ensinar.»

Cunhal começou por acompanhar o seu «pai político» nas acções do Grupo de Defesa Académica, mais tarde transformado em Bloco Académico Antifascista da Liga Contra a Guerra e o Fascismo.

É nesta altura que adere ao Socorro Vermelho Internacional, uma estrutura internacionalista vocacionada para a obtenção de fundos de ajuda para os presos políticos comunistas.

⁷⁷ Entrevistas de Cândida Ventura ao autor, 2009/2010, Portimão e Lagos.

⁷⁸ Pires, *Cinco Conversas...*



A fase da juventude já
depois da adesão ao PCP.
(Imagem cedida pelo Partido
Comunista Português)

Juntou-se aos outros jovens voluntários que partilhavam os estudos universitários com as iniciativas de recolha de dinheiro para a compra de roupa e comida. Seguiu-se a militância na igualmente internacionalista Liga dos Amigos da União Soviética.

Cunhal filia a sua adesão ao comunismo quando tinha 17 anos e contactou o PCP através das organizações que gravitavam na sua órbita, o que aconteceu em meados de 1931. A entrada formal no Partido ocorreu em finais do ano seguinte pela recém-formada Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas, por onde já tinham passado importantes dirigentes do PCP nessa época, casos de Bento Gonçalves, Francisco de Paula Oliveira (*Pavel*) e Francisco Ferreira (*Chico da CUF*).

Cunhal chegou a secretário-geral da estrutura juvenil do PCP em 1935 com apenas 21 anos.

Chico da CUF reivindica o convite oficial que levou à adesão de Cunhal à Federação e ao início da militância em Outubro de 1934.

A ligação terá sido estabelecida em Lisboa, no Campo Santana, através de Alberto de Araújo, militante do sector intelectual do Partido e aluno finalista com a mulher. *Chico da CUF* rejeita as datas indicadas por Cunhal e acusa-o de reescrever a História para se posicionar como um dos fundadores do PCP.⁷⁹

⁷⁹ Ferreira, *Álvaro Cunhal...*